
ENSINO MÉDIO

– 3º ANO –

FILOSOFIA

VOLUME ÚNICO

Apostila do 3º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.





AULA 02

A SITUAÇÃO DA CULTURA DA MORTE



través dos relatórios de financiamento mundial do controle populacional elaborados regularmente pela UNFPA, sabe-se que o trabalho do controle populacional no mundo, planejado meticulosamente como trabalho de longo prazo já há cerca de seis décadas, consome atualmente um orçamento de 6 bilhões de dólares anuais, incluindo a parcela que oficialmente é declarada como pertencente a atividades diretamente relacionadas com a promoção do aborto, da qual o SAAF é um exemplo. Segundo os dados oficiais, a UNFPA tenta urgentemente induzir um aumento deste montante para mais de 17 bilhões de dólares.

Através de publicações das organizações que promovem este trabalho, pode-se estimar um número de em torno de 50.000 profissionais de alto nível que são responsáveis pela pesquisa e administração da Cultura da Morte, não contando neste número os provedores finais junto à população, como o pessoal médico que gerencia as clínicas de abortos e similares.

As pessoas e as organizações que estão envolvidas neste gigantesco trabalho, incluindo os técnicos da ONU, dão como pressuposto indiscutível que o controle demográfico é o mais grave problema enfrentado atualmente pela humanidade, e que o único obstáculo encontrado até o momento para a sua implantação é a oposição da Igreja Católica. Vários países muçulmanos legalizaram o aborto sem que tenha havido uma resistência comparável à oferecida pela Igreja Católica. A última grande barreira para obter a completa legalização do aborto no mundo é no momento a América Latina. No que diz respeito à África, os promotores do aborto parecem reconhecer que a principal dificuldade encontrada não está tanto na oposição local como na infra estrutura desorganizada do continente.

A SITUAÇÃO DA IGREJA

Na Igreja há evidências de um desconhecimento da verdadeira extensão do problema, reconhecendo-se mais a sintomatologia, como um paciente que sente a dor, do que a causa, a natureza, o curso, o desenlace e a terapia da doença. Os sinais seguintes confirmam esta avaliação:

1. Até hoje não existe em toda a América Latina uma só Conferência Episcopal que tenha designado uma única pessoa para acompanhar profissionalmente a movimentação

destas dezenas de milhares de profissionais que estão trabalhando em tempo integral há mais de meio século para implantar a cultura da morte em seus países e no mundo. Ela atua livremente sem oposição nem acompanhamento.

2. Na Santa Sé o único órgão encarregado do trabalho da defesa da vida, a Pontifícia Academia Pro Vida, destina-se a assessorar o Santo Padre sobre a posição doutrinária a ser adotada pela Igreja nestas questões, e não ao estudo metódico do mecanismo desta monstruosa conspiração nem à elaboração de uma estratégia de ação. Não existe nenhum órgão na Santa Sé destinado à elaboração de uma estratégia correspondente de ação. É uma situação comparável à de um país onde inexistisse o Ministério da Saúde e suas funções, se fossem reconhecidas, supostamente seriam exercidas indiretamente pelo Ministério da Justiça.

3. Tão impressionante quanto, e consequência dos anteriores, é o fato de que, embora na Igreja seja possível obter financiamento para os mais diversos projetos humanitários, geralmente de muito menor alcance, não existe nenhum órgão encarregado de receber para estudo qualquer projeto sério e de longo prazo para tratar da defesa da vida nem muito menos como obter qualquer financiamento significativo para qualquer trabalho mais amplo em defesa da vida.

4. Toda a estratégia do episcopado em questões da defesa da vida, principalmente na América Latina, limita-se à publicação de declarações sobre a posição católica sobre o assunto quando algum aspecto do problema torna-se, de modo público, iminente e irreversível.

O DESENLACE DA PROBLEMÁTICA

Considerando o pequeno nível de consciência que há acerca das reais dimensões do problema, cabe perguntar o que realmente significa o fato de que a Igreja seja universalmente apontada pela literatura das organizações promotoras do aborto não só como o grande, mas também como o único obstáculo à total implantação do aborto no mundo.

A última grande barreira para a completa implantação do aborto no mundo atualmente é a América Latina. Supondo que até 2015 seja definitivamente legalizado o aborto em todo este continente, o que restaria a ser feito depois disso pela Cultura da Morte?

Considerando que:

1. A Igreja Católica possui meio milhão de sacerdotes, o que significa cerca de 10 vezes o número de profissionais que trabalham em tempo integral na promoção do controle populacional;

2. Que os sacerdotes tem duas formações de nível superior em disciplinas que, quando administradas corretamente, fornecem uma visão de conjunto da realidade mais ampla do que as formações especializadas seculares;

3. Que os sacerdotes da Igreja Católica deveriam estar bem dispostos ao trabalho mesmo em condições em que não fossem remunerados, ao contrário dos tecnocratas do controle populacional que somente estão dispostos a trabalhar em troca de salários elevados;

4. Que um número indefinido de leigos das mais variadas formações podem ser facilmente mobilizados pelo meio milhão de sacerdotes se estes estivessem conscientes da gravidade do problema enfrentado;

5. Que a Igreja Católica tem acesso direto à população através de milhões de paróquias distribuídas pelos bairros das grandes e pequenas cidades, metrópoles, vilarejos e zonas rurais em todo o mundo, ao contrário da Cultura da Morte que apenas consegue comunicar-se indiretamente com a multidão através de meios de comunicação de massa e infiltrar-se somente em setores especializados da vida acadêmica e nas instâncias mais altas dos governos e do empresariado;

6. Que a Igreja Católica tem como obrigação, derivada de sua própria criação, exterminar a Cultura da Morte;

deve-se concluir que, após a implantação do aborto na América Latina, a Igreja Católica somente poderá ser vista pela Cultura da Morte como um perigoso parasita adormecido ou gigantesco tumor ainda benigno mas ao qual não se poderá permitir a malignização. A menos que a Igreja Católica seja destruída ou definitivamente desfigurada, constituirá apenas uma questão de tempo para que esta desperte para as verdadeiras dimensões do que realmente terá acontecido e, quando tal vier a suceder, a desproporção de recursos estará totalmente pendente a favor do lado contrário à da Cultura da Morte.

Isto significa que, a menos que os estrategistas da Cultura da Morte sejam ingênuos, e eles já mostraram que não o são, após a legalização do aborto na América Latina, estes serão obrigados a voltarem todos os seus recursos para o trabalho de desfiguração ou destruição da Igreja Católica antes que o tumor se torne maligno e seja destruído em pouco tempo o trabalho empreendido durante os últimos setenta anos. Por trás do problema do aborto oculta-se muito mais do que a defesa da vida de milhões de inocentes. Tais como foram criadas, a Igreja Católica e a Cultura da Morte não podem coexistir em um mesmo mundo, e a Cultura da Morte já tem consciência deste dado. Se a defesa da vida, um tema que todos os homens tem condições de entender, é considerada por muitos prelados como batalha perdida e inútil, que irão eles fazer quando os mesmos recursos ou até maiores forem mobilizados contra a própria Igreja, a qual nem a todos é dado compreender?

PONTOS DE VISTA NA IGREJA

A questão do aborto e da defesa da vida é no momento uma das mais graves ameaças que a Igreja enfrenta. Entretanto, na mesma Igreja nota-se uma grande ausência de conhecimento em relação a muitos dos aspectos mais relevantes sobre o tema. De modo geral, poderia dizer-se que no momento atual o problema é reconhecido apenas desde o ponto de vista do doente, ignorando-se amplamente o ponto de vista do médico. O ponto de vista do doente seria aquele pelo qual este reconhece sua enfermidade porque percebe os sintomas que o molestam, mas ignora a natureza da patologia que o ataca, sua causa, seu curso clínico, seu prognóstico e suas possibilidades terapêuticas.

Entretanto, são ainda piores as atitudes do doente em relação a este estado de coisas. Entre as posições que podem ser observadas, a primeira consiste em que, sem que se tenha examinado profundamente o problema, julga-se como definitivo que a questão da defesa da vida seja uma batalha perdida e que, portanto, não merece maiores preocupações. Outros, em uma posição diametralmente oposta, consideram a questão como um problema secundário que será resolvido naturalmente com o tempo e por si mesmo. A maioria, devido ao acúmulo de trabalho pastoral, supõem que já conhecem tudo o que há de mais relevante a saber sobre o tema ao mesmo tempo em que consideram-se impossibilitados e dispensados de dedicar-lhe qualquer tempo ou atenção. Existe ainda uma minoria crescente que parece estar de acordo com a propaganda promovida pelas organizações que criaram a problemática do aborto, segundo a qual as posições do Magistério Eclesiástico sobre a defesa da vida seriam exageradamente rígidas e deveria-se adotar uma atitude mais condescendente e aberta ao diálogo.

REFERÊNCIAS

Com exceção de uma pequena minoria, a qual não importa para o sentido do texto, todos os fatos citados nesta síntese são facilmente documentáveis por quem tenha um sério interesse para com o assunto. As referências não foram citadas porque o objetivo deste texto inicial é apenas uma apresentação da extensão da gravidade do problema para um estudante que pouco sabe a respeito, mas que busca uma indicação de princípios para a compreensão da ordem que rege o conjunto antes que possa aprofundar fatos que, isoladamente, pouco significam. O provérbio afirma que ***“basta dar um pouco ao sábio, e ele se tornará mais sábio”***.

ATIVIDADES

1. Por que a Igreja Católica é a única instituição capaz de resistir e combater a cultura da morte?



AULA 07

DIGNIDADE DA VIDA HUMANA



nas aulas anteriores vimos a importância de se defender a vida humana, principalmente diante da sociedade atual, na qual a maioria das pessoas não conhece mais seu verdadeiro fim, o real sentido de sua existência e, por isso, não vivem conforme a natureza recebida do Criador.

Vimos também o significado do termo vida, e os diferentes modos de vida que encontramos no mundo material (vida vegetativa, vida sensitiva e vida intelectual).

Por fim, pudemos estudar brevemente sobre a vida intelectual, própria das criaturas superiores, dos homens e dos Anjos.

Nesta aula entenderemos as características únicas do ser humano, e o que o torna portador de uma dignidade única, devendo por isso, agir conforme sua natureza racional dada por Deus, viver conforme Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou, alcançando a dignidade de Filho de Deus buscando a santidade.

O SER HUMANO NA CRIAÇÃO



Ícone da criação de Adão, o primeiro ser humano.

Estudar a criação do ser humano é muito importante para que possamos conhecer e compreender a natureza humana.

Na Sagrada Escritura, livro do Gênesis (capítulos 1 e 2), podemos ler alguns detalhes sobre a criação do ser humano. No capítulo 1, no sexto dia da Criação, Deus cria o homem, conforme o trecho a seguir:

"²⁶Então Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra'. ²⁷Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. ²⁸Deus os abençoou: 'Frutificai – disse ele – e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra'. ²⁹Deus disse: 'Eis que eu

vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. ³⁰*E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda a erva verde por alimento*". E assim se fez. ³¹*Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o sexto dia."*

E no segundo capítulo podemos ler os seguintes detalhes sobre a criação do homem:

"7.O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente. ⁸*Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado."*



Ícone da criação de Eva

"15.O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para cultivar o solo e o guardar. ¹⁶*Deu-lhe este preceito: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; 17.mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente”.* ¹⁸*O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja adequada”.* ¹⁹*Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais dos campos, e todas as aves do céu, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome.* ²⁰*O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves do céu e a todos os animais do campo; mas não se achava para ele uma auxiliar que lhe fosse adequada.* ²¹*Então, o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar.* ²²*E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem.* ²³*“Eis agora aqui – disse o homem – o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem.”* ²⁴*Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne.* ²⁵*O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam."*

Ao lermos os trechos sobre a criação do ser humano, podemos observar, acontecimentos únicos, que não se repetem na criação das outras criaturas. Por exemplo, quando cria o ser humano, Deus diz: **“Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança”**. Podemos ler que ao criar todas as obras precedentes, Deus utiliza-se do verbo “Faça-se”, e apenas na criação do homem diz “Façamos”, de modo que podemos afirmar que o homem é **criado na comunhão** (da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo) **e para a**

comunhão, para se relacionar bem com os outros, com o mundo e com Deus. Ainda sobre esse trecho, São Basílio Magno explica a dignidade do ser humano:

*“Façamos o homem”. Começa a conhecer-te a ti mesmo. Esta palavra não foi escrita sobre nenhum dos outros seres criados. A luz foi feita. Simples ordem. Disse Deus: ‘Faça-se a luz’ (Gn 1,3). O céu foi feito sem conselho preliminar. Apareceram as estrelas; não houve precedente deliberação acerca dos luzeiros. Foram criados o mar e o pélago infinito; por meio de uma só ordem começaram a existir. Quanto a todas as espécies de peixes, foi mandado e elas foram feitas. Às feras e os rebanhos, aos animais que nadam e aos que voam, Deus disse e foram feitos. Ainda não existia o homem; e delibera-se a respeito dele. Deus não disse, como aconteceu relativamente às outras criatura: «Faça-se o homem». **Reconhece a tua dignidade. Tua origem não se encontra num mandamento. Deliberou Deus como viria à existência esse honroso ser vivo. «Façamos».** Um sábio delibera, um artista raciocina. Acaso, a arte o abandonou, e ele, preocupado, quer dar a sua obra-prima trabalhado acabamento e perfeição? Ou busca te mostrar que és perfeito diante de Deus?”¹⁰*

A DIGNIDADE DO SER HUMANO

Vimos acima que a dignidade do ser humano é expressa desde sua criação, que não ocorreu simplesmente como a criação das outras criaturas materiais. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, com o que os filósofos denominam uma **natureza racional**, isso significa que a pessoa tem consciência de si, compreende seu agir, conhece o que faz e tem liberdade para fazê-lo, ou seja, ela é livre para realizar suas escolhas, seus atos. A racionalidade, a inteligência do homem o torna diferente das outras criaturas porque permite que ele tenha **domínio dos próprios atos**. Guiado pela razão e pela vontade pode agir com **liberdade**.

Santo Agostinho afirma que **“O que faz a excelência do homem é que Deus o fez à sua imagem, pelo fato de lhe ter dado um espírito inteligente que o torna superior aos animais”**. Essa explicação de Santo Agostinho é essencial para que se possa compreender com clareza a questão da dignidade do homem, que não se dá por sua natureza corporal e material, mas por ter sido feito à imagem e semelhança de Deus, por possuir uma alma racional, isto é, um espírito inteligente.

Todo ser humano é considerado pela tradição da Igreja como **PESSOA HUMANA**, ou seja, segundo Santo Tomás de Aquino, chamar o homem de pessoa lhe confere um status particular, é um *nomem dignitatis*, é o nome exclusivo do homem e dá a ele uma dignidade única, uma vez que recebe o nome de *pessoa* apenas os homens, os Anjos e a Santíssima Trindade.

10 BASÍLIO DE CESARÉIA, *Homilias sobre a origem do homem*, Paulus, São Paulo 1998, 44-45.

**“PESSOA
SIGNIFICA O QUE
DE MAIS NOBRE
EXISTE EM TODO
O UNIVERSO.”**

Santo Tomás diz: “*A pessoa significa o que de mais nobre existe em todo o universo, o subsistente de natureza racional*”¹¹.

A pessoa é o subsistente de natureza racional, por isso, para que correspondamos à dignidade que recebemos de Deus, precisamos agir conforme nossa natureza, que é racional e que deve buscar o verdadeiro fim para o qual fomos naturalmente criados.

É muito importante conhecermos e compreendermos a missão que Deus deu ao homem no princípio, pois assim podemos entender o que Deus espera de nós: como seres humanos, fomos criados por Deus de forma totalmente diferenciada, recebemos o corpo, mas também uma alma racional, e devemos com nosso corpo e alma buscar a glória de Deus, motivo pelo qual todas as criaturas foram feitas¹².

Estudemos agora, detalhadamente, diversas das características únicas do ser humano e que o diferencia dos outros animais e criaturas materiais:

Razão: apenas a pessoa humana apresenta razão, isto é, inteligência. As diversas criaturas agem por instinto, ou seja, simplesmente para sobreviver, já o ser humano não. Tudo o que o ser humano faz tem um sentido, tem uma intenção, é o resultado de uma escolha feita pela sua vontade e inteligência. O que permite que tenhamos a razão é a nossa alma intelectiva, pois esta é uma faculdade da alma. Ser uma criatura racional é uma característica que nos assemelha a Deus, pois Ele, nosso Criador, é a razão por excelência, a razão perfeita. Apenas por sermos imagem e semelhança de Deus é que possuímos a razão.

Comunhão: como vimos, fomos criados por uma obra da Trindade, portanto, fomos criados na Comunhão do Pai, Filho e Espírito Santo. Como Deus nos fez à Sua Imagem e Semelhança, fomos criados também para a comunhão, isto é, para nos relacionarmos e vivermos bem com Deus, com os outros e com o mundo. O fim principal da vida humana é a comunhão com Deus, seu Criador, o que só é possível plenamente na eternidade, quando se tem como prêmio a vida eterna, o Paraíso.

Livre-arbítrio: por termos razão, conseguimos escolher o que fazer, perceber o que é bom ou ruim, certo ou errado, temos liberdade. Ser verdadeiramente livre não é simplesmente fazer o que quiser, mas é saber usar corretamente a razão, e sendo assim escolher o que é correto, verdadeiro e bom.

¹¹ *S.Th.* I, q.29, a.3.

¹² As Sagradas Escrituras, bem como o Catecismo da Igreja, ensinam que Deus criou o mundo para Sua própria glória, único fim verdadeiramente digno de Seus atos, e também para satisfazer Sua bondade, comunicando aos seres criados a vida e a felicidade das quais Ele é o princípio.

Autocompreensão: somente a pessoa humana consegue refletir sobre si mesma, sobre os seus atos, sobre o que é certo. Vimos que Adão percebeu que não havia nenhuma criatura como ele, isso porque ele tinha uma compreensão de quem era e de como era. Nós seres humanos podemos perceber como somos, e temos que ser cada vez mais conforme o que Deus pensou, Sua Imagem e Semelhança.

Espírito encarnado (ou unidade de corpo e alma): a partir da leitura dos trechos do Gênesis, podemos perceber que Deus nos fez do barro da terra e, portanto, nosso corpo apresenta matéria, mas Deus também soprou sobre nós Seu Espírito, o que significa que também somos espirituais. Podemos concluir que somos criaturas com um corpo unido à alma, ao espírito. Nossa alma é o princípio que nos faz imagem de Deus por excelência, mas não temos como viver neste mundo apenas com alma. Deus nos criou com corpo e, por isso, nosso corpo é muito importante para vivermos conforme Deus pensou. É nossa parte material que nos assemelha às outras criaturas e nos faz sermos chamados de animais, mas não somos como qualquer animal, pois temos alma, e a alma é a forma, a essência do nosso corpo, somos racionais.

Homem e mulher: em Gênesis 1, 26 lemos que Deus criou o ser humano como homem e mulher; e em Gênesis 2, 18 Deus diz que homem e mulher são um para o outro uma ajuda adequada; e, posteriormente, cria a mulher da costela do homem. Isso indica que Deus criou o ser humano dessa forma (homem ou mulher) e que ambos foram queridos por Deus e devem auxiliar um ao outro.

Essas informações são muito importantes para compreendermos quem somos e como Deus nos fez, além disso, é conhecendo o ser humano que podemos compreender no que consiste verdadeiramente sua dignidade única.

Por natureza, por todas as características já apresentadas, podemos perceber a dignidade do ser humano em relação a todas as outras criaturas. Deus fez-nos administradores de Sua Criação. É muito importante, no entanto, ressaltar, que a verdadeira e real dignidade do homem não está nas suas características materiais, mas na sua natureza que é não apenas material, mas também espiritual.

Como possuidor de uma alma imortal, o ser humano apresenta uma vida sobrenatural, e é justamente daí que provém sua dignidade, sendo dependente também da busca real que o ser humano tem por alcançar seu verdadeiro fim e viver virtuosamente conforme sua natureza racional e sobrenatural.



O ser humano, criado homem ou mulher, diferente dos animais, é um espírito encarnado, possuindo razão, livre-arbítrio, autocompreensão e só se realizará em comunhão com outros seres humanos.

Para entender melhor, pensemos em alguns exemplos: é fácil compreender que há uma dignidade no homem que faz com que ele tenha mais valor do que uma planta, por exemplo. Mas, precisamos compreender a dignidade para a qual fomos criados com um olhar mais profundo.

Podemos, por exemplo, afirmar que uma pessoa virtuosa e justa possui a mesma dignidade que uma pessoa que escolhe viver fazendo mal aos outros e a si mesmo? Mesmo que os dois sejam pessoas humanas com a dignidade própria deste nome, não possuirão a mesma dignidade. Isso porque há uma dignidade na natureza do ser humano relativa à sua busca por viver conforme sua natureza, conforme o fim para o qual foi criado. Ou seja, quem vive conforme seu verdadeiro fim, de forma virtuosa e justa, tem uma vida mais digna de sua natureza do que aqueles que com sua liberdade escolhem viver viciosamente, fazendo o mal, e que por isso não alcançarão seu fim último, se não se converterem.

Deste modo, um homem que rejeita, por exemplo, os ensinamentos de Cristo, não tem uma vida digna de filho de Deus, e apesar de ser um ser humano, não é digno da grande dignidade com a qual foi criado.

Pode-se pensar usando uma analogia: imaginemos diversas garrafas de vidro. Há garrafas que são feitas para suco, outras para água, outras para vinho, etc. O que torna digna a garrafa é que ela consiga atender bem ao fim para o qual foi feita, isto é, que comporte bem o líquido que nela deve estar. Da mesma forma nós, seres humanos, somos todos como garrafas de vidro, temos a natureza humana, mas como vivemos a vida, isto é, se vivemos conforme o fim para o qual fomos criados, nos tornamos verdadeiramente dignos de sermos chamados filhos de Deus.

"Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato." I Jo 3, 1

Somos verdadeiramente pessoas dignas, conforme a natureza com a qual fomos criados, quando, com nossas vidas, buscamos a glória de Deus, nosso verdadeiro fim.

O FIM DA VIDA HUMANA



Nosso fim é, junto a todos os Anjos e Santos, louvar e glorificar a Deus no Céu por toda a eternidade.

Para vivermos conforme nossa natureza, precisamos conhecer o fim para o qual fomos criados.

O ser humano foi criado para conhecer, amar e servir a Deus nesta vida e gozar depois da eternidade na presença de Deus. Foi para isso que Deus criou o homem.

O homem possui, portanto, um duplo fim: o *fim próximo*, que deve cumprir na terra, e o *fim último*, que é a meta a ser

alcançada depois desta vida terrena, isto é a bem-aventurança eterna.

As criaturas sem inteligência glorificam a Deus simplesmente seguindo as leis que receberam por natureza. Já o homem, ser inteligente (de natureza racional), pode conhecer, amar e servir a Deus, dando glória a Ele, e este é o fim para o qual foi criado e que deve buscar nas ações que realiza na sua vida terrena. A inteligência foi dada homem para conhecer, a vontade foi dada para amar, e o corpo para servir. Deste modo, o homem deve, com seu corpo e alma, glorificar a Deus.

Sendo Deus o fim último e principal da vida humana, a religião verdadeira faz-se necessária para que ele alcance seu fim e a vida eterna, pois é a religião que une o homem a Deus. Sem a religião o homem não pode ser feliz na terra, e muito menos na vida eterna.

ATIVIDADE

1. Copie em seu caderno o que diz Santo Agostinho:

“O que faz a excelência do homem é que Deus o fez à sua imagem, pelo fato de lhe ter dado um espírito inteligente que o torna superior aos animais”.

2. Complete a frase de Santo Tomás de Aquino:

“A _____ significa o que de mais nobre existe em todo o _____, o subsistente de natureza _____.”

3. Quais as características únicas do ser humano e que o diferencia dos outros animais e criaturas materiais?

4. Explique, de acordo com o texto, se uma pessoa virtuosa e justa possui a mesma dignidade que uma pessoa que escolhe viver fazendo o mal aos outros e a si mesmo.

5. Explique, de acordo com o texto, porque a religião verdadeira faz-se necessária ao homem para que ele alcance seu fim e a vida eterna.



AULA 10

AMEAÇAS À VIDA

INTRODUÇÃO – O OFÍCIO DO SÁBIO



Santo Tomás de Aquino define as atividades do sábio, que são quatro: contemplar a verdade, ordenar todas as coisas, julgar os princípios e debelar o erro.

A rigor, só Deus ordena perfeitamente todas as coisas. No entanto, quanto mais progredimos na vida espiritual e no estudo, melhor ordenamos as coisas e entendemos onde cometemos erros e como podemos consertá-los, porque erros sempre vão ocorrer.

Atualmente vivemos em uma sociedade muito complexa. A sociedade moderna é mais complexa do que a da Antiguidade, portanto está sujeita a mais erros.

A mesma coisa acontece com a Igreja. A Igreja de hoje é mais complexa do que a Igreja dos primeiros tempos porque estamos mergulhados em um mundo sujeito a mais erros, não só em quantidade, mas eles são mais difíceis de serem identificados e corrigidos.

Como é o caso de computadores antigos, em que os novos *softwares* se tornam complexos demais para seu sistema operacional, portanto, ficam sujeitos a mais *bugs*. O mesmo acontece quando uma pessoa está idosa, em que vão aparecendo mais doenças.

Deste modo, Santo Tomás ensina que é função do sábio debelar o erro. Não se trata de uma paranoia, mas de uma necessidade. Um médico não pode se dar ao luxo de estudar apenas a saúde; tem que estudar as doenças. Assim também o teólogo tem que conhecer as verdades da fé, mas também as heresias. Da mesma forma, é tarefa do filósofo contemplar a verdade e apontar os erros. Esta é uma grande obra de caridade que podemos fazer aos homens em geral e à Igreja em particular.

Santo Tomás acrescenta que compete ao sábio julgar com base nos princípios. Mas, por que julgar com base nos princípios? Porque tudo o que acontece no mundo é regido pela Divina Providência. O mundo não é fruto do acaso; é obra da criação de Deus. E é exatamente por isso que o Universo não é um caos, mas ele reflete uma harmonia entre todas as coisas. Isso revela que todas as coisas são reguladas pelos mesmos princípios. Em última análise, tudo é governado por um só princípio, que é Deus - princípio e fim de todas as coisas. Porque, se houvesse muitos princípios na origem de tudo, o Universo não seria um cosmos,

mas uma grande bagunça. Onde existe ordem, existe um princípio. E esse princípio em última análise é a Divina Providência; é Deus.

Assim sendo, a atividade de ordenar todas as coisas, bem como a de ensinar onde estão os erros, tem que se basear em princípios. E **o verdadeiro princípio de todas as coisas é Deus.**

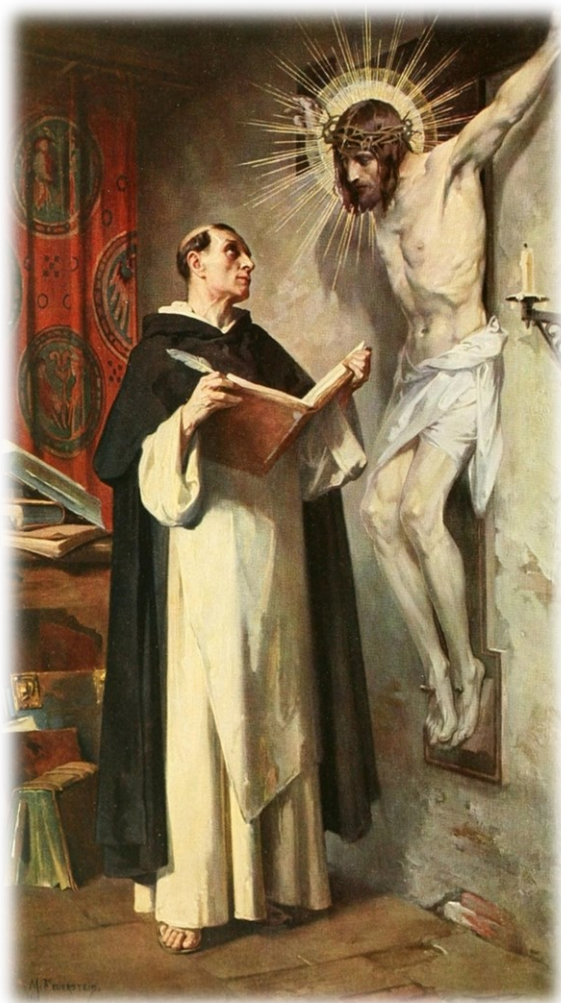
O primeiro versículo do livro do Gênesis diz que “*No princípio, Deus criou o céu e a terra*”, quer dizer, todas as coisas, visíveis e invisíveis, os anjos e os seres sensíveis. O Prólogo do Evangelho de São João diz que “*No princípio, era o Verbo*”. Portanto, Deus criou todas as coisas NO PRINCÍPIO, quer dizer, NO VERBO, que é Cristo. Tudo Ele criou em Cristo, o Logos Divino. Ele é o princípio que se fez homem e veio habitar entre nós para nos redimir e nos comunicar melhor a Sua sabedoria.

Entretanto, parece que o mundo atual tem se esquecido deste “princípio”, haja vista os erros terríveis que a humanidade está cometendo, mesmo em princípios muito claros.

Mas, para entendermos este processo, procuremos compreender um mistério atrás da sociedade humana, atrás da História e da natureza, que em última análise é um mistério de Deus.

Quando se medita a Sagrada Escritura, vemos que ela não é feita de fatos isolados, nem de sentenças isoladas. A Sagrada Escritura está querendo revelar uma verdade, que é mais profunda do que as histórias que ela conta. E é mais profunda do que cada sentença isoladamente.

Observemos o capítulo 13 do Evangelho de São Mateus: ali Nosso Senhor Jesus Cristo conta uma série de parábolas; a primeira delas é a Parábola do Semeador. E a história começa falando de uma pessoa que não entendeu a mensagem do Evangelho. É a semente que caiu à beira do caminho. Em seguida, Nosso Senhor interpreta a Sua própria Parábola: Ele diz que a semente que caiu à margem da estrada é a pessoa que não buscou a verdade, não se esforçou para entender, então o passarinho passou e comeu a semente. Aquela pessoa não entendeu porque não quis. A pessoa estava distraída. Ouve e diz: ah, já sei disso! E não parou para refletir, para pensar com calma, não viu que ali havia algo para ser buscado, que aquela Palavra é mais profunda do que parecia à primeira vista. É a atitude de muitos de nós quando padecemos dessa superficialidade.



Santo Tomás de Aquino e a Fonte de sua sabedoria.



O triunfo de Santo Tomás de Aquino sobre os hereges.

Quer dizer, a Segunda Pessoa da Trindade veio em carne e osso falar conosco. Então, Ele tem uma mensagem para transmitir, e nós não levamos muito a sério, não procuramos entender, não buscamos, nem nos esforçamos. Qualquer pessoa pode ter uma Bíblia em casa, pode ler, rezar e meditar. Mas não faz isso. Dá de ombros. Faz exatamente como descreve a Parábola do Semeador.

Em seguida, Nosso Senhor Jesus Cristo completa o sentido da história: há uma semente que caiu entre as pedras. Outra caiu no espinheiro. Por fim, uma semente deu frutos. Então, Ele diz: esta última é a pessoa que realmente entendeu.

Precisamos, por isso, nos dedicar a contemplar a verdade, enxergar os princípios, ordenar todas as coisas, mostrar onde estão os erros.

ORIGEM DOS ACONTECIMENTOS

Tudo começa por um ponto. Quando os apóstolos conheceram Nosso Senhor Jesus Cristo, por exemplo, eles O conheceram em determinado momento. Não faziam a mínima ideia de quem Ele era.

Um modo de começar é perceber alguma anormalidade. Ora, existe algo muito anormal nos dias de hoje: as mães estão matando os próprios filhos e estão exigindo direitos para tal crime e ainda se rebelam contra as pessoas que dizem que não existe esse direito. Isso não acontecia na história recente. Pior ainda: em alguns países do mundo, não se concebe que os médicos não matem crianças.

Recentemente, na Suécia, uma enfermeira que trabalhava em um hospital disse que não queria fazer abortos. O hospital não precisava que ela fizesse abortos, porque todos os outros enfermeiros do hospital faziam abortos. Era um hospital comum e lá o aborto é legalizado. A enfermeira simplesmente pediu que, se houvesse um aborto a ser feito, ela não queria participar por uma questão de consciência. Mas ela não ia abominar quem fizesse, simplesmente se omitiria.

De qualquer forma, o hospital a demitiu por causa desta postura. Posteriormente, essa enfermeira não encontrou mais emprego em hospital nenhum. Quando outros hospitais souberam que ela foi demitida porque não queria fazer aborto, simplesmente não aceitavam contratá-la. Por esta razão, ela procurou um canal de televisão para reclamar da situação. E as pessoas disseram: *“o hospital tem razão, se você não quer fazer aborto, você não pode trabalhar com medicina. Ninguém está obrigando você a fazer aborto. Se você não quer, vai trabalhar com outra coisa”*. Isso foi o que disse a opinião pública. Ela teve então que mudar de país para continuar a ser enfermeira e não ter que fazer abortos.

Outro fato anormal ocorreu na Inglaterra, em 2018, com uma criança de quase 2 anos, o menino Alfie Evans, que padecia de problemas neurológicos degenerativos. Os médicos e o sistema de saúde acharam que não valia mais a pena prosseguir com o tratamento e que eles não deveriam manter a vida da criança. Os pais queriam prosseguir com o tratamento; eles comunicaram ao hospital que iam transferir a criança para outro lugar que aceitasse fazer o tratamento. Mas o hospital não quis dar alta. E o governo inglês amparou o hospital: se os médicos tinham decidido que a criança deveria morrer, a criança tinha que morrer. O Papa



*Alfie Evans no Hospital Pediátrico
Alder Hey.*

Francisco ofereceu vaga em um hospital na Itália para prosseguir com o tratamento da criança. Deste modo, nem o hospital nem o governo inglês precisariam mais se preocupar com qualquer tipo de gasto. Mesmo assim, o governo inglês não liberou a criança, pois, para ele, ela tinha que morrer. Com isso, pararam de alimentá-la e de lhe dar água, o que ocasionou a sua morte.

Na Inglaterra, já existe um sistema único de saúde, que funciona perfeitamente nesse sentido. Esse sistema funciona da seguinte forma: um médico individualmente não decide o tratamento, quem decide é o ‘sistema’. O médico tampouco decide como tratar o paciente. O médico deve tratá-lo como o sistema estabelece em cada caso.

Posto isto, é muito fácil constatar que há coisas anormais acontecendo. Curioso é que essas coisas começaram nos anos 60. Antes disto, já existiam movimentos pró-aborto na Europa e nos Estados Unidos, mas ainda não tinham força suficiente para conseguirem “bons” resultados. Ao contrário. O mundo naquela época estava cada vez mais a favor da vida. E há vários exemplos disso.

A Liga das Nações, que antecedeu a ONU, promoveu conferências internacionais de combate à difusão da pornografia. Os países, de fato, se reuniam para combater a pornografia. Deste modo, nas décadas de 1920 e 1930, a pornografia se tornou algo raríssimo, além do fato de que não existia televisão nem internet. Naquela época, Hollywood tinha um código de ética para não passar qualquer tipo de pornografia. Da mesma maneira, o aborto também era muito raro nas primeiras décadas do século XX.



Brasão da Liga das Nações.

Na Itália, no período pós 2ª Guerra Mundial até os anos 60, era bem raro ouvir falar de alguém que tivesse feito um aborto. O aborto era apenas uma teoria que os padres ensinavam nas aulas de catecismo como sendo algo errado e imoral. Aliás, muitas pessoas criticavam os padres por ensinarem que o aborto era errado. Elas diziam: - *“Padre, o senhor está depravando a juventude, quem é que vai pensar em matar o próprio filho? Se o senhor explica que matar o filho é errado, alguém vai ter a ideia de matar o próprio filho. Porque se o padre está falando que é errado, é porque tem alguém fazendo. Então o senhor não pode falar de coisas que não existem”*.

Nos EUA, até a década de 1960, só havia leis que permitiam aborto para salvar a vida do bebê. Ou seja, eram leis que permitiam a cesariana com risco à saúde da mãe para salvar a vida da criança. Isso era permitido. Nem sequer existia lei punindo o aborto criminoso, porque não era necessário. Simplesmente não acontecia.



Julgamento de Nuremberg.

Essas leis do aborto para salvar a vida do bebê se devem ao seguinte: na época, a penicilina ainda não havia sido inventada²⁶, o que significa que de cada 4 cesáreas, uma mãe ia a óbito por infecção. Então, a lei dizia que, se o médico tivesse de decidir entre a vida do

²⁶ A penicilina como antibiótico foi descoberta em 1928 por Alexander Fleming.

bebê e a vida da mãe e ele fizesse uma cesárea para salvar o bebê e a mãe morresse, o médico não seria punido por causa disso. Ninguém podia criminalizar o médico pela consequência de sua decisão dramática. Assim pensavam as pessoas nessa época.

Vejamos mais um exemplo, talvez o mais espantoso.

Logo após a 2ª Guerra Mundial, houve o julgamento de Nuremberg. Os nazistas foram condenados pelos crimes que cometeram durante a guerra. No Tribunal de Nuremberg, oficiais nazistas foram condenados por crime contra a humanidade, não por terem realizado abortos, mas por terem feito vistas grossas aos abortos praticados pelo inimigo. Quando a Alemanha invadiu a Polônia, o Exército alemão passou uma circular entre os seus militares determinando que, se tivessem notícia de uma clínica de aborto, não era para perder tempo com isso, pois esse problema era dos poloneses, e eles estavam em Guerra. Os nazistas não mandaram construir clínicas nem promoveram sua existência, mas foram julgados por causa dessa circular. Foram condenados no Tribunal de Nuremberg por causa desse fato. Isso consta nos arquivos do julgamento de Nuremberg.

Quando se elaborou a Declaração de Direitos Humanos, da ONU, em 1948, houve a orientação de que o texto da Declaração devia basear-se na jurisprudência de Nuremberg.

De fato, na primeira redação da Declaração de Direitos Humanos, estava escrita uma condenação expressa ao aborto: A VIDA É RECONHECIDA DESDE A CONCEPÇÃO. Mas esse artigo não prosperou por causa da interferência da Primeira Dama dos EUA, a esposa do Presidente Franklin Delano Roosevelt. O Roosevelt já tinha falecido, mas ela, Eleanor Roosevelt, foi chamada a título honorífico para coordenar a redação da Declaração de Direitos Humanos. Ela era uma feminista, discípula e admiradora de Margareth Sanger, uma das principais feministas norte-americana, fundadora da IPPF (*International Planned Parenthood Federation*).

Mas, de maneira geral, as pessoas eram favoráveis à vida desde a concepção. Tanto assim que, logo em seguida, a ONU fez uma Declaração dos Direitos da Criança, em Genebra, segundo a qual os direitos à saúde da criança devem ser protegidos antes e depois do nascimento.

Portanto, nessa época, havia no mundo uma concepção generalizada de que o aborto era um crime e que a vida deveria ser protegida desde a concepção.

É evidente que desde a primeira metade do século XX, já existiam ativistas pró-aborto nos EUA, na Inglaterra e na Europa Continental, mas eles não tinham êxito. E não era por falta de recursos, como é o caso de Margaret Sanger, que foi casada com um milionário e se relacionava muito bem no meio social dos magnatas norte-americanos.

A origem mais remota do ativismo pró-aborto na Europa está na Inglaterra, por volta de 1800. O Rev. Thomas Malthus escreveu a famosa tese de que a humanidade cresce em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos cresce em progressão aritmética. E, por causa disso, ele recomendava que os pais de família deviam praticar a castidade, de modo a evitar uma catástrofe famélica. Do contrário, haveria guerras devido à competição por comida. Dizia também que as pessoas só deveriam casar e ter filhos depois de ter um

emprego e uma vida material garantida. Isto porque, de acordo com as suas previsões alarmistas, iria ocorrer uma crise de superpopulação e de fome no mundo.

Alguns ingleses vibraram com a primeira parte da tese de Malthus, quanto à limitação do número de filhos, mas não com a segunda parte, que era manter a castidade. Contrariamente aos conselhos do Reverendo, surgiu um grupo de ativistas que começou a difundir métodos contraceptivos.

No entanto, esse grupo era execrado pela maioria da população: os ingleses daquela época achavam isso uma abominação, uma imoralidade, um escândalo. Quanto mais eles tentavam difundir o uso de métodos contraceptivos, mais o povo se escandalizava. Estávamos na era da Inglaterra Vitoriana, um período em que a sensualidade se destacou no país e, mesmo assim, eram contra o preservativo e outras práticas semelhantes.

Mais tarde, porém, já no século XX, surgiu na Inglaterra uma sociedade neo-malthusiana chamada *Abortion Law Reform Association*²⁷ (ALRA), cujo objetivo era fazer campanha pela legalização do aborto. Dois anos após a sua criação, em 1938, em um caso histórico, o Dr. Alex Bourne foi absolvido por ter realizado um aborto ilegal. Ele acreditava que o aborto deveria ser legal em circunstâncias excepcionais e admitiu ter realizado um aborto em uma garota de 14 anos, vítima de um estupro, que depois se suicidou. Ele argumentou que a lei permitia o aborto antes de 28 semanas e permitia o aborto quando a saúde física ou mental de uma mulher estava em perigo. O tribunal concordou que esta era uma situação com risco de vida e absolveu o Dr. Bourne. No entanto, a incerteza permaneceu quando a aprovação de um psiquiatra era necessária. Geralmente eram apenas mulheres “educadas” e/ou relativamente ricas que tinham os recursos para encontrar e pagar por um psiquiatra compatível.



Margaret Sanger.

Em 1939, o Comitê Birkett foi criado pelo governo para esclarecer se os médicos poderiam realizar um aborto para salvar a vida de uma mulher, mas seu trabalho foi interrompido pela eclosão da Segunda Guerra Mundial²⁸, o que representava, aparentemente, uma derrota para o aborto inglês.

No entanto, foi nessa mesma época que a enfermeira norte americana, chamada Margaret Sanger (citada anteriormente), visitou a Europa e ficou encantada com os movimentos feministas e abortistas na Europa, inclusive na Inglaterra. Voltou para os EUA e começou a difundir os movimentos abortistas no país. Os métodos de Sanger eram histriônicos. Naquela época, nos EUA era crime um médico receitar qualquer método

²⁷ Associação de Reforma da Lei de Aborto.

²⁸ <https://abortionrights.org.uk/history-of-abortion-law-in-the-uk/>.

contraceptivo. Então Margaret Sanger, com a influência que tinha, começou a organizar congressos sobre controle de natalidade em hotéis de luxo. Ela fazia isso propositalmente, com o objetivo de que a polícia intervisse e prendesse a todos, inclusive ela e os médicos. Logo os jornais estavam noticiando o ocorrido, deixando a população escandalizada.

Sanger passava um tempo na cadeia e, ao sair, continuava com sua propaganda escandalosa de controle de natalidade. Aí fazia questão de ser presa novamente, para ser fotografada e fazer mais alarde.



Uma das várias vezes em que Margaret foi presa.

Dessa maneira foi organizando, paulatinamente, revistas de controle de natalidade, congressos de medicina, e a polícia foi perdendo o controle, porque Margaret Sanger reunia cada vez mais e mais pessoas, impossibilitando a prisão de todos.

Em uma outra viagem para a Europa com o marido, Margaret conheceu os líderes de um movimento homossexual que estava surgindo na Alemanha. Após isso, decidiu reorganizar sua atuação e teve a ideia de criar a IPPF (*International Planned Parenthood Federation – Federação Internacional de Planejamento Familiar*).

Regressando ao EUA, se divorciou e casou-se com um milionário. Assim obteve recursos para criar e desenvolver a IPPF, a grande multinacional do aborto, proprietária da maior rede de clínicas de abortos no mundo, isso tudo sobre o eufemismo de “planejamento familiar”.

Com os recursos financeiros desse novo companheiro, ela financiou também os estudos que levaram à invenção da pílula anticoncepcional. O médico que criou a primeira pílula anticoncepcional chamava-se Gregory Pincus - e era financiado por Margaret Sanger.

Depois destes eventos, houve um efeito dominó. Em 1967, a Inglaterra legalizou o aborto. Em 1968, nos EUA, a Carolina do Norte legalizou o aborto até os três meses de gestação em casos de risco.

Em 1970, foi a vez de Nova York, até o quinto mês de gravidez, não importando qual fosse o caso. E não se fazia nenhuma exigência: nem precisava ser residente em Nova York, a gestante podia vir de qualquer lugar do mundo. Começaram então a aparecer caravanas dos EUA inteiro. Os novaiorquinos testemunham que, logo pela manhã, viam dezenas de carros dando volta ao quarteirão, com placas de todos os estados, estacionados em frente às clínicas de Nova York. Naturalmente, isto tornou-se um negócio. As clínicas organizavam serviço de *shuttle* para competir pelos clientes, oferecendo preços mais baratos que as concorrentes.

Diante desse horror, outros estados começaram a elaborar leis proibindo o aborto. Só então começaram a proibir, porque, antes disso, não era proibido nem legalizado, simplesmente era algo raríssimo. Inclusive, como o acesso à penicilina se tornou bem mais

fácil, as cirurgias cesarianas ficaram mais comuns e seguras. Então, não havendo leis para proibir o aborto, alguns estados começaram a fazer leis nesse sentido.

No entanto, em 1973, houve um caso emblemático de ativismo judicial²⁹. A Suprema Corte dos EUA resolveu declarar que a proibição do aborto era inconstitucional. Detalhe muito importante: a Suprema Corte dos EUA não tinha competência para fazer isso porque legislação penal é matéria dos estados. Somente eles poderiam decidir esse assunto. Mas a Suprema Corte abusou do poder.



Simone Veil, Ministra da Saúde francesa, durante o discurso na Assembleia Nacional francesa sobre a legalização do aborto, em 1974. Deste encontro surgiu a legalização do aborto na França, sob o título de Lei “Veil”.

Quando a Suprema Corte declarou inconstitucional a proibição do aborto, a consequência lógica foi que todos os abortos passaram a ser permitidos até os nove meses de gravidez. Então, nos EUA, começaram a proliferar clínicas por todos os lados, inclusive clínicas especializadas em abortos de últimos trimestres. Havia até propaganda disso nos metrô, nos ônibus e em *outdoors* – um verdadeiro horror.

Paralelamente, o aborto começou a ser legalizado no resto do mundo inteiro, como na Itália, em 1978, e na França, em 1975. A onda foi tão forte que, quando legalizaram o aborto na França, a única exigência que os pró-vidas conseguiram fazer, foi colocar a objeção de consciência na lei. Isto permitiria que quem tivesse alguma objeção de consciência, ou seja, fosse contra seus princípios pessoais, não seria obrigado a fazer ou participar de um aborto, e a lei garantiria este direito.

Disto surge a pergunta fundamental: Como é possível subverter uma sociedade dessa maneira?

Podemos questionar também: como foi possível que, antes de 1960, em todo o cenário apresentado, era impensável o aborto, mas, transcorridos apenas 20 anos, a Cultura da Morte já estava instalada em vários países do mundo.

²⁹ O ativismo judicial é caracterizado como uma interferência abusiva do poder judiciário sobre os outros dois poderes: o executivo e o legislativo.

É interessante notarmos que no Brasil e na América Latina em geral, não houve isso. Não houve esta onda, pois, nesta época, a maioria dos países latino-americanos estava sob o regime militar, onde eles censuravam a imprensa e não permitiam a livre reunião, não permitiam a livre expressão de ideias. Havia a censura e o próprio medo que não permitia que se falasse sobre estas coisas. Os militares impediram quase 30 anos que esses assuntos fossem tocados no Brasil.

Na época do Regime Militar, havia no congresso um projeto protocolado para legalizar o aborto, mas nunca andou, apenas foi protocolado por uma deputada federal. Isto era a única coisa que se falava sobre o aborto no Brasil nos anos 70. Este projeto nunca foi discutido e nunca foi votado.

Apenas quando o Regime Militar acabou e se instaurou a democracia é que começou a acontecer no Brasil o mesmo que já havia acontecido na Europa e na América do Norte.

ATIVIDADES

1. Segundo Santo Tomás de Aquino, quais são as quatro atividades do sábio?
2. Faça um resumo de como o aborto foi instalado em vários países do mundo.



AULA 16

ESTRUTURA FAMILIAR E ESTRUTURA EMPRESARIAL



o livro *Human Society*, considerado uma súmula da Sociologia dos anos 1950, Kingsley Davis diz que as estruturas sociais podem ser divididas em dois tipos: **estruturas primárias** e **estruturas secundárias**.

As estruturas primárias são as famílias – a estrutura onde as pessoas valem por quem elas são e não pela função ou trabalho que realizam. Se algum membro da família passa por alguma dificuldade, como doença, vício, ou algum acidente grave, ele não será substituído, mas receberá toda a ajuda e cuidado que precisa para superar aquela situação.

O mesmo deve ser na diocese entre o bispo e os sacerdotes. O bispo é o pai dos sacerdotes, e estes devem ser educados desta forma e quando algum padre tiver alguma dificuldade que o impossibilite de ministrar os Sacramentos, o bispo não o mandará embora, mas cuidar dele até a morte.

As estruturas secundárias são as empresas – onde acontece o oposto da família. Na empresa as pessoas valem pela função que elas exercem. Há um quadro de funções ou trabalhos a serem cumpridos e as pessoas recebem um slrio para exercem aquela função, e quando não o cumprem mais direito, podem ser mandados embora e serão substituídos.



Na estrutura empresarial há a despersonalização das pessoas, onde elas valem pelo desempenho de suas tarefas.



Estruturas familiares ainda são muito presentes no Brasil, principalmente nos trabalhos do campo.

No começo deste processo de secundarização, não havia os direitos trabalhistas que temos hoje que compensam um pouco este possível descarte, mas nesta

estrutura secundária as pessoas ainda valem por seu trabalho e não por sua dignidade.

A diferenciação que este sociólogo percebeu aconteceu por causa do surgimento do sistema financeiro, e o sistema financeiro procurou realizar uma mudança no tecido social, em sua estrutura mais básica e fundamental. O sistema financeiro está organizado de tal forma que quanto mais tempo passa, mais pessoas trabalham para ele e mais recursos se dá para que o próprio sistema coloque mais pessoas para trabalhar, e assim sucessivamente. Logo, as estruturas familiares vão sendo pouco a pouco destruídas e a sociedade vai sendo construída sobre estruturas secundárias.

Nesse livro, Kingsley Davis faz a seguinte observação, que é muito importante: *“a característica da história moderna é que, após a Revolução Industrial, a sociedade está se secundarizando progressivamente. E quando a secundarização for completa, será inevitável o governo mundial”*.

É assustador, mas, isso significa que, se alguém quiser implantar o governo mundial, deverá secundarizar toda a sociedade. Se não tiver pressa é só esperar o sistema bancário fazer isso naturalmente ou, para acelerar o processo, se destrói a família.

Vamos buscar entender um pouco melhor toda esta questão que nos deixa perplexos.

Primeiro temos que entender o porquê quando uma sociedade é secundarizada, esta se transformará em um governo mundial.

Uma sociedade primária é uma sociedade local, é uma sociedade democrática e descentralizada. Numa sociedade baseada em estruturas primárias, quem decide o que fazer é a família.

Na estrutura secundária, o indivíduo não vale enquanto pessoa, vale apenas enquanto cargo. Além disso, a estrutura secundária tem um ritmo frenético de produção e, para sobreviver no mercado, necessita ampliar investimentos, e sempre vai recorrer ao Banco.

Então, a sociedade secundária não depende dela mesma para existir e se manter funcionando, depende do sistema financeiro. Ademais, é o Banco que decide para quem vai ser emprestado o dinheiro que circula no sistema financeiro. Portanto, as decisões de uma sociedade baseada em estrutura secundária não são tomadas pelas empresas, em última análise, mas pelo sistema financeiro, que age coordenadamente. O sistema financeiro pode promover ou levar à falência quem ele bem entender.

Portanto, as empresas não têm autonomia. Quanto mais secundarizada a sociedade, mais o poder de decisão passará aos grupos que controlam o sistema financeiro. Na verdade, há uma centralização do poder. Quando a secundarização for total, o poder estará totalmente centralizado na mão da elite que gerencia o sistema financeiro.

Ora, isto já é o governo mundial.

O ritmo de produção em que nós vivemos é uma coisa alucinante. O PIB dos países tem que crescer sempre. O sistema financeiro não para de colocar as empresas para produzir em ritmo frenético. Os Bancos estão ávidos para receber cada vez mais pessoas aptas a produzir riqueza. Deste modo, para a economia não é interessante que alguém estude filosofia ou teologia, pois não está rendendo dinheiro, mas sim engenharia, economia e outras coisas que deem lucro.

Desta maneira, a estrutura social vai tirando as pessoas das coisas que aperfeiçoam o ser humano enquanto tal e vai reduzindo a formação do indivíduo ao treinamento para o mercado de trabalho, porque é isto que interessa aos Bancos, já que eles não vão ganhar dinheiro com teólogos, mas hão de ganhar muito dinheiro com engenheiros. Assim, a estrutura da sociedade é tal que as pessoas vão estudar engenharia porque isso interessa ao Banco.

Na medida em que essas pessoas vão trabalhando, o Banco recolhe mais dinheiro do setor produtivo na forma de depósitos. Com isso, o Banco precisa de mais pessoas ainda para trabalhar. Se houver algum professor de Geografia, por exemplo, ele também não pode somente estudar o que compete à sua disciplina, apenas para conhecer as coisas, ele tem que produzir riqueza: a cultura dele tem que ser transformada em salário. A estrutura social secundária não admite que se trabalhe de graça.

Deste modo, chegamos ao ponto em que todos os homens estão trabalhando para a economia, enquanto os Bancos acumulam todo o dinheiro do mundo.

No entanto, até meados do século XX, na maioria dos países, somente os homens trabalhavam e geravam lucro aos bancos. Desta maneira, para eles, as mulheres também deviam produzir, mas, para isso, deviam sair de seus lares onde educavam seus filhos e ir trabalhar em todos os setores da economia. Assim surgiu o feminismo. Mas, à princípio, a maioria das mulheres não queria entrar no campo trabalhista, por isso, era necessário algo que as fizesse querer isso.

Foi assim que, por incentivo das grandes fundações e de ONGs feministas, buscou-se modificar a interdependência entre os papéis sociais do homem e da mulher, para conseguir inserir as mulheres no mercado de trabalho. E um dos melhores métodos para atingir tal meta foi a ideologia de gênero, ao menos os seus princípios. E, assim, a ideologia de gênero se tornou dominante, com o dinheiro das Fundações capitalistas.

No Fórum Econômico de Davos, que acontece todos os anos na Suíça, há um placar. Anualmente, os economistas de Davos colocam o placar da igualdade de gênero:



Maior banco do mundo: Industrial and Commercial Bank of China (ICBC). Esta empresa tem mais de 4 trilhões de dólares em bens e contribui para todo este processo de secundarização de uma forma incalculável.



Em 2018, no Fórum Econômico Mundial de Davos, Malala Yousafzai, a jovem militante paquistanesa que se tornou um ícone do feminismo mundial, pediu para as mulheres mudarem o mundo sem esperar o apoio dos homens.

na política, no trabalho, na escola. No caso das escolas, já atingiu a meta de 100%, pois todas as mulheres estão estudando. Então, se 100% das mulheres estão estudando, isto significa que 100% das mulheres estão sendo formadas para serem profissionais. No placar das mulheres no mercado de trabalho, ainda atingem a marca de 60%, mas está aumentando.

No entanto, se as mulheres estão saindo de suas casas para trabalhar, quem vai educar as crianças? A escola. Quando isso acontecer, as escolas vão precisar crescer, contratar mais profissionais, abrir mais turmas, em tempo integral. Quando isso acontecer, poderão formar-se grandes conglomerados no setor educacional: as grandes escolas vão comprar as escolas médias e as pequenas e, para se expandir, as escolas vão pedir dinheiro emprestado aos Bancos.

Fato é que na atualidade, o sistema econômico já começou a investir no setor educacional, conseguindo, assim, ditar também como deve ser essa educação: voltada somente para o mercado de trabalho. Deste modo, não se pode ensinar mais conhecimento, apenas habilidades e competências. Faz-se um currículo único para todo o país, para reformar a educação inteira. A educação baseada no conhecimento é considerada ultrapassada, sendo taxada de “conteudista”.

Então, o plano de secularização social faz grandes progressos: emancipadas todas as mulheres para o mercado de trabalho, as escolas também estão, gradualmente, se integrando à nova ordem econômica. Quando esse processo se completar, o sistema financeiro terá mais dinheiro disponível para investir. Provavelmente, eles vão procurar legalizar rapidamente a eutanásia no mundo inteiro, como já vem ocorrendo discretamente em alguns países europeus e asiáticos, pois segundo esta visão de mundo, quem se aposenta e não produz é um peso para a sociedade.

Na medida em que o sistema econômico produz mais riqueza, cresce sua necessidade por movimentar mais capital por meio do trabalho humano. Mas, para isso, deve-se deixar de lado os problemas humanos, a educação tradicional, as comunidades religiosas, enfim, tudo

aquilo que ainda possa ter algum resquício de estrutura primária.

Nessa perspectiva, a ameaça de uma Terceira Guerra Mundial não é mais a única mola propulsora da Cultura da Morte. O próprio crescimento do sistema financeiro exige a Cultura da Morte. E a família biológica ainda é fonte de descentralização do poder.

Embora a família biológica não seja grande coisa, ela se torna grandiosa enquanto Sacramento, pois ela se torna uma família espiritual. A



O exemplo mais sublime de família, são as famílias religiosas, pois constituem uma família espiritual.

família puramente biológica significa apenas procriar, trabalhar e deixar a criança na escola. E esse modelo “desespiritualizado” de família tende a ser destruído: veja, por exemplo o

empenho das Fundações capitalistas em promover as uniões homossexuais. A tal “família” gay produz mais do que uma família comum, porque, geralmente, não tem filhos e eles vivem para trabalhar e se divertir. A diversão também é uma atividade econômica: bares, restaurantes, festas, passeios, passagens aéreas, hotéis, compras, etc. – tudo isso movimenta a economia. Se alguém investe em hotel para homossexuais, dará mais dinheiro de que um hotel para uma família de verdade. Os homossexuais têm mais dinheiro disponível para gastar. E não têm outra preocupação a não ser trabalhar. A família comum tem que se preocupar com os filhos. Desta maneira, existe um interesse econômico muito grande em destruir a família biológica, bem como a família espiritual, de modo que as pessoas já não saibam o que é uma família.

A família espiritual é a verdadeira fonte de inspiração para a família biológica que quer viver o Sacramento, pois é a espiritualidade que dará o tom que a família natural irá tocar. Uma família que verdadeiramente reza, tem menos conflitos, menos interesses egoístas, criando-se sempre um local seguro, onde a criança e o jovem poderão crescer e amadurecer conhecendo a verdade e adquirindo as virtudes, sendo uma família de verdade, tal como em uma Ordem Religiosa.

O processo de secundarização da sociedade, que vai inevitavelmente descambar no governo mundial, é uma ameaça muito mais grave do que a guerra nuclear – a ameaça da guerra nuclear, embora terrível, é uma possibilidade remota.

Solucionar esses problemas é tarefa para um sábio, que seja capaz de contemplar a verdade, ordenar todas as coisas, julgar os princípios e debelar o erro. É trabalho para sábios como Santo Tomás de Aquino, Santo Afonso Maria de Ligório, São Roberto Bellarmino, Hugo de São Vítor, dentre outros.

Mas não se trata de memorizar Santo Tomás, por exemplo. O que importa para nós, na obra do Doutor Angélico, é captar aquele método de trabalho filosófico e espiritual, baseado na comunhão com Deus, na comunhão com o Espírito Santo, que produz a contemplação infusa, que mostra a Verdade plena - a Verdade que viria, como Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu em Pentecostes. Quem chegar a esse ponto será capaz de ordenar todas as coisas. Não é colocar a Suma Teológica em ordem expositiva, ou colocar em ordem o pensamento tomista, mas ordenar *todas as coisas*. Ordenar todas as coisas implica articular todas as coisas humanas e divinas, as realidades espirituais, físicas, científicas, etc. – tudo colocado em ordem.

Ao contemplar o todo, seremos capazes de mostrar onde foi que a humanidade cometeu erros. Mas não é possível explicar onde cometemos erros se não aprendermos a contemplar a luz de Deus através da graça do Espírito Santo.

E, além de contemplar a verdade, é preciso ordenar todas as coisas, seguindo os passos de Santo Tomás de Aquino para explicar às pessoas onde está o erro.

Quando o Papa Leão X declarou que cobrar juros não era mais pecado, ele tinha razão naquelas circunstâncias. Mas uma armadilha estava sendo preparada. Nós caímos numa armadilha. Às vezes, podemos dar uma resposta correta, mas, se houver uma armadilha montada que não enxergamos, a solução que demos acaba se tornando um problema maior.

Uma marcha de 20 milhões de pessoas em defesa da vida é uma coisa fantástica; quando derrubou-se o projeto de lei do aborto por 33 x 0 no Congresso Brasileiro, foi algo extraordinário. Porém o problema da Cultura da Morte é mais profundo do que isso. E nós precisamos de pessoas que entendam do problema para poder resolvê-lo.

Assim como alguém entra em um mosteiro de vida contemplativa, que é uma vocação, e outra se torna freira, outro vai ser padre, outro vai ser missionário na África, outro vai ser capelão de hospital, outros vão ser pais e mães de família. Tudo isso é vocação. Assim como existem todas essas vocações, existe a vocação do sábio, pessoas como Santo Tomás de Aquino, que vão fazer um diagnóstico da realidade e corrigir os erros. É uma vocação do estudo, mas também de uma espiritualidade profunda, quer dizer, o sábio precisa ser íntimo de Deus, pois Deus é a fonte da Sabedoria, Jesus Cristo, que é a própria Sabedoria em pessoa.

Contudo o problema é tão grave que um sábio só, não será suficiente, precisamos de muitos. Muitas pessoas para, generosamente, seguir a esta vocação, auxiliados pela graça; precisam de muito esforço, de método, tenacidade, firme vontade, uma vida espiritual de verdade, praticar a virtude de maneira heroica, estudar e ter vontade de ajudar a Igreja nesta situação tão dramática que passamos hoje em dia.



Precisamos de sábios como Santo Agostinho, São Jerônimo, São Gregório e Santo Ambrósio. Pessoas que, pela graça, chegaram à contemplação da verdade.

ATIVIDADES

1. Qual a diferença entre a estrutura familiar e a estrutura empresarial?
2. Comente a seguinte observação de Kingsley Davis: “a característica da história moderna é que, após a Revolução Industrial, a sociedade está se secundarizando progressivamente. E quando a secundarização for completa, será inevitável o governo mundial”.
3. Qual a tarefa de um sábio?



AULA 18

REVOLUCIONANDO A VISÃO DO UNIVERSO – PARTE 1



gora, como se a coisa já não fosse demasiado complicada, nós temos um aspecto mais profundo a acrescentar.

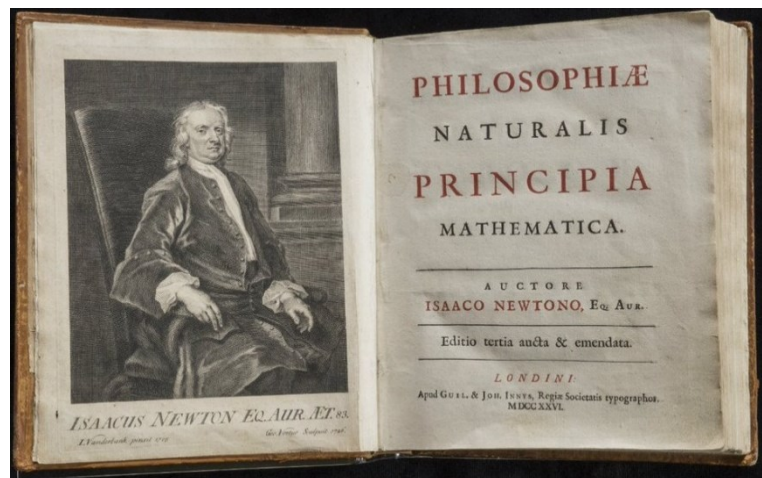
Por volta do ano de 1600, Galileu e outros cientistas descobriram o telescópio. Eles viram que algumas estrelas do céu eram, na verdade, planetas; descobriram as luas de Saturno; começaram a ter uma outra ideia dos fenômenos naturais.

Nesse ambiente de descobertas científicas na Europa, que alguns chamam de Revolução Científica, surgiu um indivíduo chamado Isaac Newton, que concebeu a tal mecânica newtoniana, pela qual se pode calcular as órbitas dos planetas e fazer uma série de cálculos.

Ocorre que, em vez de escrever um livro de Física e dar o título de “Mecânica Newtoniana” ou coisa parecida, Isaac Newton publicou um volume com o nome de *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. Hoje em dia, para a maioria das pessoas, isto parece não significar nada. Mas, na verdade, significa muito, porque mostra que ele não estava querendo escrever um livro de Física, mas de Filosofia, mais precisamente Filosofia da Natureza. Newton quis chegar aos primeiros princípios da Filosofia Natural.

Lembremos que, segundo Santo Tomás de Aquino, um dos ofícios do sábio é julgar os princípios; então, na verdade, o livro de Newton não era um simples livro de física mecânica, mas um livro de sabedoria, ou pretendia sê-lo, pois julgava os princípios da filosofia natural. Para Newton, esses princípios eram matemáticos, coisa que Aristóteles e Tomás de Aquino jamais disseram.

Na Filosofia Clássica, a Matemática diz respeito à quantidade. Então, todas as coisas que existem são uma das 10



Quando lemos o título do livro de Isaac Newton vemos que é um livro de filosofia e não de física.

categorias de Aristóteles. A quantidade é uma dessas 10 categorias: Aristóteles escreveu em sua obra *Órganon*, que todas as coisas que existem ou são uma substância ou são um dos 9 acidentes: quantidade, qualidade, relação, tempo, lugar, posição, ação, paixão e hábito. No seu *Comentário à Física de Aristóteles*, Santo Tomás de Aquino consegue demonstrar que isto tem de ser assim, que as categorias são 10 e não mais nem menos do que 10, e são necessariamente aquelas e não outras 10. A demonstração rigorosa das categorias veio apenas com Santo Tomás de Aquino, embora possamos deduzir que Aristóteles deveria ter também uma forma de mostrar isso.

Substância é o que pode subsistir por si mesmo, o que não depende de outra coisa para subsistir. As demais categorias, que não são substância, não existem por si: elas são chamadas acidentes e têm que estar, por assim dizer, “presas” a uma substância. Então, por exemplo, a qualidade não existe por si só: só existe qualidade se alguma coisa tiver essa qualidade; a quantidade também não subsiste por si, tem que haver uma substância, um ente, que tenha aquela quantidade; as relações também não existem por si só, pois deve haver coisas que se relacionem, essas coisas seriam as substâncias.

Esse assunto foi desenvolvido de uma maneira mais profunda por Santo Tomás de Aquino no livro *De Ente Et Essentia*, onde ele mostra que todas as coisas devem ter necessariamente uma essência, ou seja, tudo o que existe é *alguma coisa*, tem um contorno, por assim dizer, essencial. De certo modo, isso é muito parecido com a afirmação de Aristóteles, segundo a qual todas as coisas que existem ou são uma substância ou têm que subsistir em uma substância. Então, por causa disso, existe um axioma metafísico de que todos os entes têm que ter uma essência, todos os entes são *alguma coisa*. E a tarefa básica de um filósofo – antes de ele tentar entender a estrutura do Universo, antes de ele tentar entender as relações entre as diversas coisas, antes de ele tentar entender os primeiros princípios que organizam todas essas relações – é compreender claramente o que é cada coisa. Porque cada coisa é realmente alguma coisa e não outra.

Colocado dessa maneira, parece óbvio. Mas vamos ver que não é óbvio e, pior ainda, as pessoas já não conseguem enxergar isso. E essa dificuldade se deve, em grande medida, à revolução intelectual de Isaac Newton.

Para justificar os cálculos que lhe fizeram chegar às órbitas dos planetas, as velocidades dos corpos, toda a sua mecânica, enfim, Newton teve de conceber a sua Física como um sistema filosófico. Isso é muito claro desde o título do livro. A pretensão de Newton era a de determinar a estrutura íntima da realidade. E ele diz que a estrutura íntima da realidade, os primeiros princípios do Universo são de natureza matemática.



A Filosofia tradicional sempre tratou isto como uma maçã, ou seja, existe a substância maçã, independentemente de suas qualidades sensíveis ou dos acidentes desta maçã.

Logo no início do livro, Newton descarta liminarmente a cosmologia antiga, que ele atribui à falta de abstração de pensadores pueris, sem dar nenhuma demonstração disto, a não ser o fato de que os seus cálculos funcionam. Já no prefácio ele diz que devemos rejeitar a noção de formas substanciais (forma substancial, como nós explicamos, é aquele princípio formal que faz uma coisa ser *aquela coisa* e não outra). Newton diz que pensar assim é uma puerilidade, que esse raciocínio apela a qualidades ocultas e que, sendo ele capaz de um raciocínio mais abstrato, vai estabelecer os primeiros princípios da natureza não a partir da substância, mas da quantidade.

Ora, quando Newton diz que os primeiros princípios da natureza são matemáticos, está dizendo que a substância das coisas é a quantidade. Quando diz que devemos rejeitar as formas substanciais, está dizendo que o conceito de substância não existe e que a quantidade existe por si só, independentemente de alguma coisa que tenha aquela quantidade, como se a quantidade fosse uma substância e a verdadeira natureza das coisas. Portanto, Newton está como que “substancializando” o acidente quantidade.

E ao afirmar que as formas substanciais não existem, ele está dizendo que, no fundo, as coisas não são aquilo que parecem ser: elas não têm realidade verdadeira.

Em seguida, no livro, ele trata da natureza do tempo e do espaço.

O tempo e o espaço, na Filosofia Clássica, não eram substâncias: eram aquelas categorias que necessitam de uma substância para existir. O espaço, portanto, não existe por si só: ele surge como o lugar onde alguma coisa (alguma substância) está situada. Toda substância tem uma extensão; essa extensão da coisa é que cria em nós a ilusão de que há um espaço, mas na verdade não há um espaço independente da coisa. Existe a extensão das coisas, mas se não houvesse as coisas não existiria espaço.

Para o Newton, o espaço existe por si só. O espaço para ele é absoluto e infinito e não precisa de nada para que possa existir. Assim, segundo os termos da Filosofia Antiga, o espaço de Newton é que seria uma substância.

O mesmo acontece com a noção de tempo. De acordo com a Filosofia anterior a Newton, o tempo depende das coisas. Uma vez que as coisas existem e se movem, esse movimento tem o antes e o depois. Então o tempo é uma consequência do movimento. O tempo é a duração do movimento. Ora, todas as coisas do Universo estão interrelacionadas por uma estrutura causal, e todas essas causas trabalham harmonicamente – o que mostra que existem primeiros princípios. O movimento de todas as coisas, isto é, o movimento do conjunto inteiro do Universo é coordenado pelos primeiros princípios, que dão, por assim dizer, o ritmo do tempo. Existe um tempo universal, que no fundo depende do movimento de todo o Universo. Mas, se não existissem as substâncias, não haveria movimento e não haveria tempo porque não haveria coisas que se movem.

Contudo Newton achava que o tempo é absoluto, verdadeiro, matemático e existe por si mesmo, por sua própria natureza. O relógio do universo está contando as horas, por assim dizer, sem relação com nada mais. Para ele existiria um tempo medindo o movimento das coisas, mesmo que não existam coisas nem movimento se sucedendo no tempo.

Da mesma forma, o espaço – para Newton – é absoluto por sua própria natureza e permanece sempre igual e inamovível.

Essa maneira de expor a natureza das coisas revoluciona toda a concepção de Universo. Pois nada mais é *alguma coisa*. Só existe, em última análise, tempo e espaço e aquelas coisas que podem ser medidas matematicamente como massa, lei da gravidade e assim por diante.

Dentro desse Universo, o ser humano não é mais nada, pois não existe uma natureza humana pré-definida, isto é, uma essência natural do homem. O espírito, a alma, não significam nada para Newton.

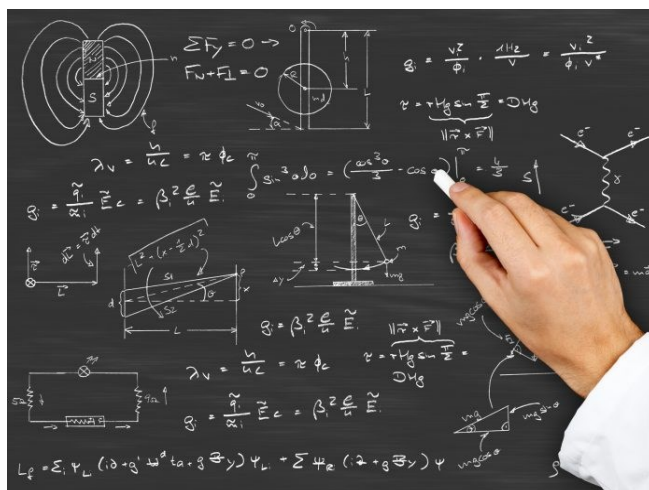
A própria consciência humana, uma das coisas mais extraordinárias que temos, a capacidade de perceber que existimos, não significa nada no universo newtoniano. Nenhum computador, por mais avançado que seja, é e será capaz de ter uma consciência. A consciência não se mede matematicamente. É algo que transcende os princípios da matemática. Mas, para Newton, a matemática é a realidade última, ou seja, a quantidade é a realidade última.

Trata-se de uma cosmologia esquizofrênica, absolutamente louca. Se Newton tivesse se limitado a deduzir fórmulas para produzir um método de cálculo, aceitaríamos a metodologia. Mas ele não se limitou a isso. Ele descreveu o Universo dessa maneira fantasiosa. A concepção mecânica do Universo enlouqueceu a humanidade. Isso não é um exagero. Pois não se trata de uma simples visão da Física, mas de uma nova Filosofia com uma pseudometafísica.

O fato é que, a partir de Isaac Newton, surge a chamada Filosofia Iluminista.

Obviamente, ele só pode ter feito isso, por causa do sistema educacional universitário que já estava extremamente decadente, e o fato é que a partir de Isaac Newton, surgiu a filosofia chamada de iluminista. Uma filosofia que levou à idolatria o sistema do Newton; um sistema filosófico extremamente ideológico, extremamente parcial, que só serviu para que pudessem ser estabelecidas as bases da futura Revolução Francesa.

Até que um dia apareceu um filósofo, chamado Immanuel Kant, ainda antes da Revolução Francesa, que resolveu transformar o sistema de Newton em filosofia, filosofia no verdadeiro sentido, porque apesar do livro ser chamado *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, não era propriamente um livro de filosofia no sentido rigoroso do termo. Newton queria que fosse, mas a verdade é que depois de colocar, no início, os fundamentos filosóficos misturados no meio de outros princípios matemáticos, o resto do livro é basicamente geometria aplicada, é de matemática aplicada a problemas de física, problemas de movimento de órbitas, de descrição e solução de problemas práticos. Parece que Newton não quis aprofundar estes princípios filosóficos enquanto filosofia, quem resolveu fazer isso foi Kant.



O método desenvolvido por Newton é bom apenas como método de cálculo, mas não como princípios filosóficos.

Kant transformou tudo isto em filosofia, levando às últimas consequências. Infelizmente não conseguiremos expor a filosofia de Kant, em toda sua extensão, mas, para continuarmos a entender a causa do problema precisamos dizer algumas coisas. Primeiro Kant viveu em uma época, onde o sucesso dos cálculos do Newton foi tão grande, que todas as premissas filosóficas dele foram tomadas como absolutamente evidentes. De fato, seus cálculos foram um sucesso extraordinário, e, por isso, o sistema newtoniano acabou se comportando como sofisma: “*Se os cálculos funcionam, significa que todos os pressupostos filosóficos estão corretos*”; “*As coisas não são o que são, aliás as coisas não são alguma coisa, porque formas substanciais não existem, então só existe quantidade, espaço, matéria, tempo e tudo o mais que pode ser medido através da matemática*”, ou seja, na verdade, segundo esta nova filosofia, só existem as coisas que são quantificáveis enquanto tal, esse é o universo. E não é de se admirar que Newton diga, que o universo funciona como um relógio, coisa que com uma análise filosófica mais exata podemos mostrar que não só não é, como inclusive é impossível que seja.

Esse sofisma foi consolidado pelo tempo, pela pregação dos filósofos iluministas, pela pregação de Voltaire e outros filósofos franceses, que na sua maioria eram incapazes de entender a matemática do próprio Newton, mas que defendiam os princípios newtonianos com unhas e dentes.

Em 1871, Kant publicou o livro *Crítica da Razão Pura*. Nessa época já havia a hegemonia no sistema universitário, pois, os Jesuítas tinham sido completamente expulsos das universidades, e só por isto esta obra pôde ser publicada sem ter ninguém que a refutasse.

Nesse livro, Kant parte do pressuposto que a física de Newton é uma verdade absolutamente evidente, incontestável, irrefutável, definitiva e tão sólida quanto um dogma do Cristianismo. Hoje em dia, com os avanços da própria física, sabemos que a mecânica newtoniana tem uma série de inconsistências e até mesmo absurdos.

Por exemplo, para Newton o espaço é algo infinito e que existe por si mesmo, mas, no final do século 20, um astrônomo francês usou um argumento simples para mostrar que o espaço deveria ser, necessariamente finito: “Se o espaço fosse infinito, a noite deveria ser brilhante como o dia!” Vamos a explicação.

A luz de uma estrela, na medida em que se afasta dela, diminui com o quadrado da distância, pois essa luz se espalha ao longo da superfície de uma esfera, visto que, a luz se propaga em todas as direções, e a área superficial da esfera é proporcional ao quadrado da distância ($A_{esfera} = 4 \cdot \pi \cdot r^2$). Quanto mais nos afastamos de uma estrela, ou de qualquer fonte luminosa, a luz vai se distribuindo por uma área superficial esférica que aumenta com o quadrado da distância e, é por isto que quando nos afastamos de uma lâmpada, a intensidade da luz vai diminuindo. Contudo, na medida em que nos afastamos, o número de estrelas por

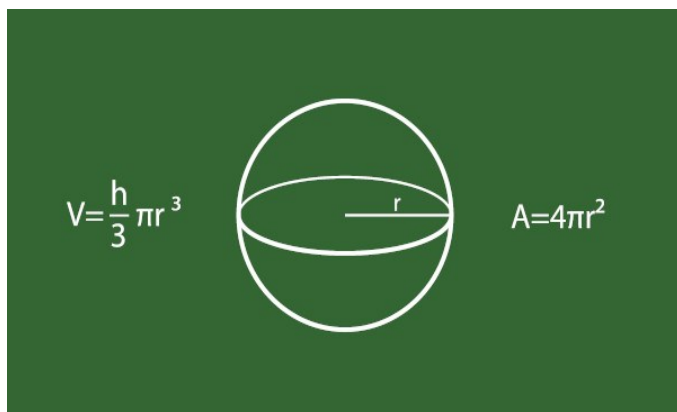


Retrato de Immanuel Kant, o filósofo alemão que levou ao extremo a cosmovisão newtoniana.

metro cúbico vai aumentando, pois o volume da esfera é proporcional ao cubo da distância ($V_{esfera} = \frac{4}{3} \cdot \pi \cdot r^3$). E como o volume da esfera é proporcional ao cubo da distância e a área da esfera é proporcional ao quadrado da distância, quanto mais longe estivéssemos do centro do universo, haveria mais estrelas emitindo mais luz com uma potência a mais do que a luz que está sendo perdida pela dissipação na área do universo.

Então, na medida em que nos afastamos da Terra, as estrelas estando mais longe, mandam menos luz com quadrado da distância; mas como o volume do universo vai aumentando na medida que nos afastamos, o número de estrelas aumenta em proporção ao cubo da distância, ou seja, a luz de cada estrela diminui com o quadrado, mas o número de estrelas aumenta com o cubo da distância. Portanto, o número de estrelas que está aumentando com a distância, é maior do que a luz de cada estrela que está diminuindo. Assim, se o universo fosse infinito, não deveria ficar a luz mais escura, a luz que chega na Terra de todas as estrelas do universo, deveria fazer com que a noite fosse tão luminosa quanto o dia, e isso não acontece.

Se o universo fosse infinito, a noite deveria ser tão luminosa quanto o dia, inclusive mesmo se o Sol não existisse, porque é o efeito cumulativo de todas as estrelas que existem no universo infinito. A intensidade da luz da noite deveria ser tão grande, quanto a do dia. No entanto, não é isso que ocorre, logo o espaço não pode ser infinito, a menos que Deus tivesse criado o universo recentemente, e a luz das estrelas mais distantes ainda não tivesse chegado na Terra, só que nesse caso, a luz da noite e a do dia, deveria aumentar de ano para ano, e não há nenhuma evidência que ela aumenta.



Vejamos que o volume da esfera é uma função do raio ao cubo e a área superficial é função do raio ao quadrado.

Ademais, outra hipótese é que se o universo fosse infinito, mas, totalmente vazio, onde só houvesse estrelas em volta da Terra, e dali para frente deveria ter um ponto, mais adiante, onde não houvesse absolutamente nada, ou seja, na verdade, o universo não existiria, ele seria basicamente um espaço vazio. Essas contradições eram tão evidentes, mas ninguém sabia explicar.

Einstein, negou todos esses pressupostos, e chegou à conclusão de que o universo tem que ser finito, e de que não existe um espaço independente das coisas. Chegou a uma outra concepção mais louca ainda de universo, porém mostrou que a física de Newton não era uma verdade absoluta tal como Kant estava imaginando.

Contudo, Kant assumiu o pressuposto de que a filosofia de Newton é uma verdade absoluta e definitiva. Vejamos as consequências disto.

O primeiro absurdo da filosofia de Kant é ter como pressuposto de forma absoluta, evidente e incontestável para a mente humana, a filosofia natural de Newton. A única

vantagem desta filosofia é que permite fazer cálculos que funcionam, mas o fato dos cálculos funcionarem não significa que a estrutura do universo seja da forma que Newton a descreve.

As pessoas não perceberam isso na época, na verdade é consequência do advento da universidade e do advento da força da ideologia, que advém do próprio sistema universitário que é construtor de ideologias. Algumas pessoas como Leibniz, contestaram a teoria de Newton, mas havia tantos interesses ideológicos em sustentar a metafísica por detrás da física de Newton, e através disso, construir o Iluminismo para derrubar as monarquias e fazer revolução francesa, que a opinião dele se diluiu, e com a expulsão dos Jesuítas, que teriam sido capazes de contestar tudo isso, não houve absolutamente margem para se poder depois contestar Kant quando ele aparecia já como a justificativa última do Iluminismo.

O mais estranho ainda é o fato comum a todas as ideologias, que todas elas dão a impressão de que só hoje é que nós enxergamos a verdade, que até antes a humanidade estava cega, e de repente deu um salto intelectual imenso e descobriu agora a verdade das coisas.

O segundo ponto dramático e absurdo da teoria de Kant, é a hipótese filosófica que ele levanta, para poder justificar porque é que a física de Newton, é verdade evidente, definitiva, incontestável que jamais poderá ser mudada.

Kant diz que os seres humanos são capazes de fazer juízos sintéticos *a priori*. Esse conceito de juízos sintéticos *a priori*, é uma invenção de Kant, que não existia na filosofia. Essa teoria foi elaborada, justamente para dizer que a física Newtoniana, é uma verdade evidente porque é constituída de juízos sintéticos *a priori*. O fato é que, juízos sintéticos *a priori* não existem, e todos os exemplos que Kant dá sobre juízos sintéticos *a priori* são falsos.

Vamos ver do que se trata: juízos são sentenças, chama-se juízo ou julgamento quando você diz que alguma coisa é tal coisa. Kant disse que existem dois tipos de juízos: os analíticos e os sintéticos.

Um juízo analítico é quando ao fazer o juízo não acrescentamos nada de novo, simplesmente explicitamos mais claramente aquilo que estava na ideia inicial. O exemplo que Kant dá é a frase que diz: “Todo corpo é extenso”, o que isso quer dizer é que quando temos a ideia do que é corpo, já está implícito de que este corpo é extenso. Ao dizer que todo corpo é extenso não estamos acrescentando nenhuma informação nova, simplesmente estamos explicitando uma informação que já tínhamos. Isto é um juízo analítico.

Um juízo sintético é quando ao invés de desdobrarmos o significado de alguma coisa, acrescentamos o significado desta coisa. Se fazemos juízos que transmitem informações novas, normalmente esses juízos são feitos através da experiência, então, por exemplo quando dizemos: “Esse carro é meu”, a ideia da minha propriedade não está na ideia do carro; para sabermos que esse carro é meu, temos que procurar documentação; quando procuramos a documentação, chegamos à conclusão nova, que o carro é de propriedade do fulano de tal. Então, ao dizer que o carro é de propriedade de fulano de tal, acrescentamos alguma coisa que não fazia parte da ideia do carro, aumentamos o conhecimento acerca do carro. Isso normalmente se faz *a posteriori*, ou seja, investigando, procurando novas informações através da experiência.

Até aqui não tem problema. O problema surge a partir desse ponto onde Kant diz que é possível fazermos julgamentos sintéticos não apenas *a posteriori*, mas investigando *a priori*. Fazemos o julgamento onde acrescentamos uma informação nova, alguma coisa que é inteiramente nova que não estava contido no conceito original. Mas sem ter que procurar essa informação, temos a capacidade de fazer isso por nós mesmos, *a priori* sem

necessidade da experiência. O fato é que isto não existe, isto é impossível, e Kant se esforça para dizer que é possível, porque ele quer provar que os juízos, as sentenças, os teoremas, os postulados da física newtoniana, são juízos sintéticos *a priori*, são coisas que acrescentam conhecimento sem precisar da experiência, deduzíveis por si mesmas, são evidentes sem precisar da experiência.

Para mostrar isto, que a humanidade sempre fez juízos sintéticos *a priori*, assim como Newton fez, Kant apresenta como exemplos: “Quando dizemos que $2 + 2 = 4$, isto é um juízo sintético *a priori*; não tínhamos como saber que dois mais dois era quatro, não estamos tirando algo que pertence ao próprio sujeito, não estamos explicitando algo, estamos deduzindo uma coisa nova”. “Quando dizemos que a linha é a menor distância entre dois pontos, estamos deduzindo algo e acrescentando algo de novo”.

Isto é um absurdo, pois $2 + 2 = 4$ é um juízo analítico, e a linha reta ser a menor distância entre dois pontos é a própria definição de linha reta. Não estamos acrescentando, estamos definindo.

Kant apresenta outros exemplos parecidos, mas que também não conseguem mostrar que existem juízos sintético *a priori*. Depois tenta provar que as leis da física newtoniana são juízos sintéticos *a priori*, e que é por isso que são evidentes, porque o ser humano é capaz de, com a mesma evidência com que dizemos que dois mais dois são quatro, formular as leis de Newton. Então ele está partindo obviamente do pressuposto, que as leis de Newton são verdades absolutas, assim como dois mais dois sempre será quatro e nunca deixará de ser quatro. Mas como Newton explicou que a física newtoniana faz juízos sintéticos *a priori*?

“É muito simples”, disse Kant. A coisa está na ideia do espaço e do tempo, na verdade o espaço e o tempo, segundo diz Kant, não existem, são **estruturas mentais**, não existe o espaço nas coisas, o espaço é uma estrutura da mente humana, que quando nós percebemos as coisas externas, nós temos que moldá-las dentro do molde do espaço que está na nossa mente, se não nós não entenderíamos a disposição das coisas, os dados seriam tão confusos que nós não conseguiríamos compreender.

Então para nós entendermos que uma estante está aqui, um carro está ali, as cadeiras estão aqui, a mesa está desse lado e alguém está lendo estas páginas, é preciso pegar todos esses dados que vêm do mundo exterior, e “ajeitar” dentro da ideia de espaço, senão não conseguimos ordenar isto, e o espaço na verdade seria uma ilusão, não existe nas coisas, o



espaço é uma **forma mental**. O tempo também é a mesma coisa, para entendermos que havia antes e depois, juntar todos esses dados que vem na memória, mais todos os dados que estão no imaginário; se não arrumamos isto em termos de tempo, não conseguimos ordenar mais nada, uma coisa com a outra, então o tempo não existe, é uma forma mental.

Por causa disso, como todas as leis e os cálculos de Newton se baseiam no tempo e no espaço, na verdade, Newton descobriu que os princípios da natureza são matemáticos, são quantitativos e o espaço, o tempo são quantitativos, e as coisas não são o que são, aliás, nada é alguma coisa exceto a quantidade, exceto os princípios matemáticos, que no fundo são quantidade, e o espaço e tempo são quantidade, e essas coisas não são realidades, essas coisas são esquemas da mente humana. Como nós temos esses esquemas dentro de nós, nós podemos sem necessidade de fazer experiências, sem necessidade do *a posteriori*, nós podemos deduzir todas as leis da física que se baseiam em estruturas matemáticas.

ATIVIDADE

1. Comente a frase: “Ao afirmar que as formas substanciais não existem, ele (Newton) está dizendo que, no fundo, as coisas não são aquilo que parecem ser: elas não têm realidade verdadeira.



AULA 23

A ORIGEM DO SISTEMA UNIVERSITÁRIO, A IDEOLOGIA LUTERANA E A PERSEGUIÇÃO AOS JESUÍTAS – PARTE II



gora, a heresia protestante se espalhou pela Europa por uma razão alheia à fé, por uma razão de ordem política.

A doutrina de Lutero interessava, é claro, aos príncipes e a seus aliados do poder econômico. Eles pensaram: *“Se a gente se converter ao luteranismo, a gente não precisa mais obedecer à Igreja, nunca mais a Igreja vai interferir nos nossos negócios, não pode mais nos ameaçar de excomunhão e nós ainda podemos confiscar os bens da Igreja.”*

Patrocinado pelos príncipes e pelos banqueiros, o luteranismo se espalhou como um raio. Em muitos lugares houve guerra civil. Só na Alemanha havia 300 ducados e principados, metade dos quais se tornaram luteranos e confiscaram os bens da Igreja. A outra metade conservou-se católica. Mas foi uma febre que contaminou a Europa inteira.

Nessa época, surgiu a Companhia de Jesus. Santo Inácio de Loyola foi buscar os primeiros colegas da Companhia de Jesus na Universidade de Paris³⁸. Ele havia se convertido e desenvolveu uma vida de ascese e de oração. Após algum tempo, percebeu que o apostolado dele passava pela Universidade. Então se matriculou no curso de Latim, começou do zero junto com as criancinhas, estudou gramática e tudo o mais e se preparou para entrar na Universidade de Paris. Ali começou a converter os melhores alunos e assim surgiu a Companhia de Jesus. Inicialmente, o ideal dos jesuítas era converter os muçulmanos.

Santo Inácio conseguiu amigos dispostos a embarcar para Jerusalém. Era uma viagem bastante complicada. Quando eles iam embarcar, os portos fecharam devido a um incidente diplomático. Não podia mais sair navio nenhum, até segunda ordem. E ficaram esperando sem nada. O tempo foi passando e não tinha notícia nenhuma de que os portos iam abrir. Quando viram que isso ia demorar muito, combinaram em fazer o seguinte: *“Nós vamos esperar mais um ano. Se ao longo do ano os portos não abrirem, significa que Deus não quer que nós viajemos para converter os muçulmanos. Nesse caso, nós vamos ao Vaticano e ofereceremos os nossos serviços ao Santo Padre”*.

³⁸ A história de Santo Inácio e da Companhia de Jesus é magnificamente escrita por J.M.S Daurignac.

Aconteceu que os portos não abriram durante um ano. Então foram ao Vaticano falar com o Papa. O Papa agradeceu a solicitude deles e pediu que fossem atender confissão na periferia de Roma, junto às favelas, aos cortiços. Eles obedeceram e foram. Dali a pouco tempo, o Papa recebeu a notícia de que os cardeais estavam indo se confessar na periferia de Roma. O Papa quis saber o que estava acontecendo e disseram: *“Aqueles padres que queriam converter os muçulmanos são uns santos confessores”*. Aí o Papa mandou chamá-los de volta e deu a seguinte missão para eles: *“Olhem, nós temos um problema aqui mais premente que os muçulmanos. O luteranismo está se espalhando como uma febre. Eu preciso que vocês reconvertam as pessoas à fé católica”*.

Os jesuítas assumiram mais essa missão. Chegavam numa cidade onde havia crise luterana e marcavam uma audiência em praça pública para debater o assunto. O curioso é que os hereges aceitavam o desafio. Às vezes o debate durava dias seguidos. Os jesuítas ganhavam todos os debates. Era uma coisa incrível. No fim da discussão, o teólogo luterano pedia perdão, agradecia por terem esclarecido a confusão, se confessava, e a cidade inteira voltava à fé da Igreja.

Essa história nos lembra um fato que aconteceu recentemente no Brasil, quando discutíamos o problema da ideologia de gênero nos Planos Municipais de Educação, que iam ser votados e, possivelmente, aprovados nos 5568 municípios brasileiros. O Ministério da Educação (MEC) quis que a ideologia de gênero fosse inserida nos planos estaduais e municipais de educação em todo Brasil, que seriam tramitados nas assembleias legislativas estaduais e em todas as câmaras municipais do Brasil, sendo que o Congresso Nacional já havia derrubado a ideologia de gênero do Plano Nacional de Educação. Saiu um documento ilegal e mentiroso do MEC, que reapresentou o projeto de inserir a ideologia de gênero nos planos estaduais e municipais como se tivesse sido uma disposição do Congresso Nacional.

Então começou o debate em todos os municípios. Alguns municípios deixaram de legalizar o gênero porque as famílias não queriam. Mas alguns desses municípios e alguns desses Estados marcaram audiência pública, chamaram pessoas dos movimentos pró-família que estudaram o assunto e, do outro lado, chamaram três ou quatro doutores de gênero que fizeram esses cursos de doutorado patrocinados pela Fundação Ford. Normalmente era apenas um que ia debater contra o gênero, que não tinha título público na área, mas tinha estudado bem o assunto, contra três ou quatro pós-graduados em Universidades. Quando começaram os debates, a discussão teve um encaminhamento semelhante a esses que a história narra entre jesuítas e luteranos. Em todos eles, mas realmente em todos eles, os pró-vidas mostravam que gênero é uma ideologia e explicavam por que essa ideologia foi criada e como ela surgiu e tudo mais. E ganhavam os debates. Os deputados e vereadores ficavam absolutamente convencidos que o gênero é uma ideologia absurda ou que, pelo menos, as razões apresentadas eram muitíssimo mais convincentes do que todos os doutores de gêneros do outro lado.

É nítida a semelhança formal entre esse caso e o caso dos jesuítas com luteranos; não há semelhança de conteúdo, evidentemente. Tudo leva a crer, portanto, que em ambos os casos estamos diante de dois fatos sociologicamente semelhantes: o luteranismo não é uma heresia como as outras heresias; o luteranismo é a primeira ideologia, a primeira grande ideologia fabricada em consequência da estrutura universitária. A verdadeira função do

luteranismo não era aquela defendida pelos próprios luteranos. Na verdade, havia outros interesses por trás. Havia setores interessados em que a ideologia luterana vencesse, não por razões teológicas, evidentemente, mas por outros objetivos não declarados.

Do ponto de vista intelectual, o luteranismo não tem a menor consistência. Diante de um debate racional, o luteranismo perde todo o sentido. O absurdo das suas teses fica evidente. O que não fica evidente é o apoio maciço que o luteranismo estava recebendo atrás dos bastidores da política. A força do luteranismo não estava no conteúdo das suas ideias, que são frágeis, mas nos interesses políticos e econômicos que o estavam promovendo. A questão decisiva na expansão do luteranismo não era a discussão teológica se o homem se salva pela fé ou pelas obras, mas no fato de que o luteranismo tinha uma teoria completa de que a Igreja não tem autoridade nenhuma e o verdadeiro dono da Igreja é o Príncipe.

A prova disso é um fato espantoso. Em muitas das cidades onde as pessoas se reconvertem à fé católica, após a missão dos jesuítas, estourava uma guerra civil para trazer de volta o luteranismo. Aí vem a questão. Como podia acontecer uma guerra civil? Em primeiro lugar, os luteranos eram teólogos, e não guerreiros. Eram padres, eram pessoas que não tinham nada a ver com guerra. Eles não sabiam fazer guerra nem tinham estrutura para isso. Ora, na verdade, os príncipes, estes sim, tinham os seus exércitos e estavam interessados em promover uma ideologia que reduzisse a influência da Igreja.



Imagem do Papa Paulo III reconhecendo oficialmente a Ordem dos Jesuítas, a Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, em 1534.

Um outro fato curioso é que Lutero enviou missionários para a Igreja Ortodoxa, que não aceita a autoridade máxima do Papa, mas aceita a autoridade moral do Papa, quer dizer, a Igreja Ortodoxa reconhece que o Papa é o primeiro dos bispos, em honra. Só não reconhece que o Papa tenha jurisdição para mandar nos outros bispos. Mas a Igreja Ortodoxa estava espalhada por uma região do mundo, pela Rússia, a Grécia, etc., onde o sistema universitário ainda não existia, naquela época, com as mesmas características da Europa. Os cristãos ortodoxos estavam acostumados a ler os Padres da Igreja e não os livros que eram produzidos

recentemente pela Universidade, que eram todos nominalistas. Então, quando os missionários luteranos chegaram ao Oriente, eles simplesmente não foram ouvidos. Eles não eram maltratados, não eram presos nem torturados, simplesmente os ortodoxos diziam: “*Olhe, me desculpe, isso não faz sentido. Me dá licença que eu tenho mais o que fazer*”.

Os missionários luteranos voltaram do Oriente escandalizados porque os cristãos ortodoxos não lhes deram ouvido, foram impermeáveis à ideologia.

Na verdade, eles eram impermeáveis do mesmo jeito que uma sociedade normal deveria ser impermeável à ideologia de gênero. Se chegássemos na Europa dos anos 1950 e dissesse que não existe nenhuma diferença entre homem e mulher, que poderia variar o seu gênero dez vezes por dia e que poderia ser um travesti, ou qualquer outra coisa que seja, e que a noção de sexo é uma construção cultural e que essas novas ideias são necessárias para derrubar o patriarcado, porque a família é um campo de concentração de escravas... As pessoas não iam matar ninguém que tivesse essas ideias na cabeça. Elas simplesmente diriam: “*Desculpe, mas isso não faz o menor sentido*”. No entanto, algumas décadas depois, as pessoas acham que faz sentido e, pior, fazem congressos científicos e mandam vir pessoas do estrangeiro dar palestras dizendo essas coisas. E as pessoas vão, escutam, aplaudem e acham que isso é o suprasumo do conhecimento.

Ora, desde o aparecimento do protestantismo, ficou muito claro que a Universidade pode ser usada para difundir ideologias que interessam ao sistema.

Ninguém encomendou o luteranismo: ele surgiu por obra pessoal de Martinho Lutero. Mas, uma vez que surgiu e se estruturou dentro das Universidades, as elites econômicas e políticas perceberam o quanto era importante para eles tomarem conta da Universidade. Ao mesmo tempo, os jesuítas – que o Papa colocou dentro das Universidades justamente para enfrentar o problema – perceberam também o quanto era importante estar na Universidade. Por causa disso, os jesuítas acabaram se especializando em educação, não tanto porque eram educadores natos, mas porque perceberam que estava se gerando um monstro dentro do sistema de ensino – não só o monstro do protestantismo, mas todos os outros que viriam depois.

Portanto, os dois lados da batalha perceberam isso.

Dentro da Igreja, praticamente só os jesuítas perceberam com essa clareza. A Igreja sempre teve estudiosos, mas nem todos haviam percebido esse problema até o momento.

Por exemplo, a Ordem dos dominicanos surgiu uma geração antes de Santo Tomás de Aquino, por volta de 1200. Quando São Domingos criou a Ordem dos Pregadores, percebeu que estava surgindo a instituição universitária no mundo e pediu que os dominicanos participassem, que abrissem colégios dentro das universidades. Colégio significa uma casa onde os dominicanos e as pessoas amigas pudessem estudar e participar do sistema universitário. Mas no fundo era uma espécie de pastoral universitária. Eles não puderam antever o dano que o sistema universitário iria produzir depois. Os dominicanos perceberam que havia uma instituição nova que estava crescendo e eles queriam se fazer presentes. Na época dos primeiros dominicanos, esse perigo ainda não estava evidente.

Posteriormente, cerca de 300 anos depois, os jesuítas perceberam que ali estava surgindo um monstro.

Estamos colocando um problema que se acrescenta aos anteriores. Então onde é que está o problema?

O sistema universitário tem fundamentalmente três problemas.

Primeiro problema: a Universidade permite criar uma estrutura social sem necessidade de excelência.

Antes do diploma, as estruturas sociais surgiam por causa de uma excelência: para fazer um exército de valor, era necessário um grande general; para fazer uma escola de verdade, era necessário um grande professor. As primeiras gerações de professores diplomados eram de alto nível: o diploma representava mesmo aquilo que significava. Mas, nas gerações seguintes, o nível foi baixando. Até o ponto em que o diploma se tornou uma moeda sem lastro. É a mesma relação entre a moeda com peso equivalente em ouro e o papel-moeda impresso pelo Banco Central. Quando as pessoas já estavam acostumadas ao diploma, como a fazer negócio com papel-moeda sem valor real, aí ficou fácil abrir uma Universidade nova, simplesmente juntando três ou quatro diplomados com grau de doutor. Com isso, criavam-se Universidades onde jamais teria nascido uma Universidade pelo processo natural. É mais ou menos como expandir o número de médicos, simplesmente distribuindo diploma de medicina para os técnicos de enfermagem. Salvas as proporções, é rigorosamente a mesma coisa.

Portanto, surgiu a possibilidade de criar estruturas sociais complexas de maneira antinatural, sem a necessária excelência. Surgiu o *fake*. Não o termo, que é bem recente, mas a realidade que ele designa.

Segundo problema: uma vez formada e disseminada, a Universidade tinha tanto prestígio que podia legitimar outras instituições sociais existentes.

As Universidades passaram a ser consultadas pelos Reis, pelos Príncipes e até pelo Papa, como se fossem oráculos.

Quando lemos a biografia de São Bernardo de Claraval, vemos que como ele era um homem santo e sábio, ninguém fazia nada importante na Europa sem consultá-lo primeiro. Os cardeais saíam de Roma e se metiam no meio da floresta, no interior da França, só para pedir a opinião de São Bernardo em algum assunto. Foi assim, por exemplo, quando um sujeito chamado Hugo teve a ideia de formar a Ordem dos Templários. Os Templários foram a primeira Ordem religiosa dedicada ao serviço militar para proteger os cristãos perseguidos na Terra Santa. Como era usual na época, não foram consultar a Universidade; foram consultar São Bernardo. Ele deu a opinião dele de como deveria ser a Regra monástica dos Templários. Era assim em todos os casos. Por quê? Porque São Bernardo de Claraval tinha uma excelência: em virtude, sabedoria e santidade.

Mas com a Universidade não é assim. Um professor universitário raramente tem excelência em virtude, sabedoria e santidade. Pode ter muito conhecimento, mas sabedoria é outra coisa. Virtude é mais raro ainda. Santidade nem se fala.

O terceiro problema: o sistema universitário se multiplica velozmente, propagando o erro e tornando-o cada vez menos reconhecível.

Como vínhamos dizendo, os jesuítas perceberam que um monstro estava sendo gerado dentro da Universidade, por isso, se instalaram dentro das Universidades e criaram escolas. Em outros lugares, as escolas jesuíticas tinham o reconhecimento oficial de que os seus diplomas eram equiparados ao diploma universitário; aí a elite preferia colocar os filhos para estudar com os jesuítas, pois o ensino era melhor. E assim os jesuítas formavam a elite da nação.

Até que os iluministas começaram a preparar a Revolução.



Por mais que as Universidades façam parte de nossa cultura como algo bom, o sistema universitário apresenta graves problemas para a estrutura social.

Em Portugal, onde os jesuítas tinham mais força porque estavam diretamente associados à Coroa, aconteceu uma perseguição atroz. O famoso Marquês de Pombal, um diplomata que havia servido em países protestantes, assumiu a função de governo e fez uma revolução completa no Estado e na sociedade. Ele perseguiu os jesuítas com muita violência. Mandou um navio prender os jesuítas nos territórios ultramarinos: os que eram de nacionalidade portuguesa, Pombal os despachava para Roma; os que não eram portugueses, ficaram encarcerados numa masmorra. Quando, depois do período pombalino, a Rainha D. Maria assumiu e mandou libertá-los, os jesuítas saíram da masmorra com os olhos fechados, pois não sabiam mais o que era a luz do sol. Foi uma perseguição feroz. Eles foram expulsos de todas as colônias portuguesas. O Brasil, por exemplo, ficou décadas sem nenhum professor porque só os jesuítas se preocupavam com a educação no Brasil.

A perseguição aos jesuítas se estendeu por toda a Europa: França, Espanha, Ducados da Itália.

E pressionaram o Papa para extinguir a Companhia de Jesus. Como o Papa não queria fazer isso, chegaram a invadir militarmente o território dos Estados Pontifícios para obrigar o Papa a tomar uma decisão.

Dez anos depois da extinção da Companhia de Jesus, Immanuel Kant publicava a sua *Crítica da Razão Pura* – aquela obra que nós explicamos anteriormente. Ora, se Kant levantasse essas ideias alguns anos antes, ele não resistiria à crítica que os jesuítas fariam à sua *Crítica*. Qualquer filósofo jesuíta faria picadinho da teoria do Kant, e Kant seria desmoralizado intelectualmente.

Só é possível entender como um livro tão cheio de contradições se tornou um “clássico” da filosofia moderna se olharmos para as datas em que a obra foi publicada e a Companhia de Jesus foi extinta.

A *Crítica da Razão Pura* é uma ideologia muito rebuscada, mais sofisticada que o luteranismo inclusive. Do ponto de vista estético, a linguagem filosófica é encantadora, parece tudo muito inteligente, mas está errado. E por que ninguém mostrou o erro? Porque os filósofos que poderiam debelar o erro, estavam no calabouço. Simples assim. A revolução iluminista promovida pelo Estado, ou dentro do Estado, limpou o terreno para que a ideologia triunfasse.

Assim floresceu a Revolução Francesa e as revoluções que se seguiram. Até que surgiu o marxismo, que é uma ideologia pior ainda.

De Kant, se fez Hegel; de Hegel, se fez Marx.

Se os erros de Kant tivessem sido triturados na fonte, não haveria marxismo.

70 anos depois, a Igreja começou a debater se devia restaurar a Companhia de Jesus – essa história também está contada no livro do Daurignac. Houve um Papa que, antes de ser eleito, disse que não restauraria a Companhia de Jesus – ele até gostaria de fazê-lo, mas achava que não se podia criar conflitos diplomáticos graves para a Santa Sé. Então ele foi eleito com a expectativa de que não restauraria a Companhia de Jesus. Inclusive, na época, os chefes de Estado podiam orientar os cardeais do seu país a votar conforme os seus interesses e – pior ainda – os chefes de Estado podiam vetar o resultado de um conclave. Pois bem. O fato é que, 15 dias após ser eleito, o Papa Pio VII, simplesmente mudou de ideia. Ele percebeu a onda revolucionária que estava se alastrando pela Europa e as suas consequências na sociedade. Viu a corrupção da juventude, a qual os próprios soberanos estavam reclamando, pois os funcionários da Corte estavam cada vez mais mal-educados. Os membros da Corte já estavam infectados de ideologia.

É curioso que, quando o Papa restaurou a Companhia de Jesus, o comentário da opinião pública não foi no sentido de que finalmente foi reparada uma injustiça contra os jesuítas. A opinião pública, sobretudo a nobreza europeia, comemorou dizendo que finalmente seriam reabertas as escolas de qualidade onde os seus filhos podiam estudar em paz e aprender as virtudes.

Para concluir essa parte da nossa análise, façamos mais uma observação sobre Santo Afonso Maria de Ligório. Quando a Companhia de Jesus foi extinta, Santo Afonso estava vivo. Ninguém o perseguiu. Ele morreu de velho. Quer dizer, houve algumas perseguições contra ele, mas dentro da própria Igreja, intrigas pequenas, mal-entendidos. Mas ele nunca foi posto no calabouço. Santo Afonso Maria de Ligório escreveu, como dissemos, a melhor obra de Teologia Moral já escrita na História da Igreja. Ele rezava muito, estudava muito e tinha

um intenso trabalho pastoral. Era um homem de uma profunda espiritualidade e profunda intelectualidade. Como ele não trabalhava na Universidade, não mexeram com ele. Na época, inclusive, ele não tinha grande influência dentro da Igreja; a sua influência aumentou depois que ele morreu, graças à qualidade de seus escritos.

Com os dominicanos aconteceu a mesma coisa: os dominicanos, de modo geral, eram do mesmo nível intelectual que os jesuítas, porém estavam à margem da Universidade. Por isso, ninguém perseguiu os dominicanos.

Portanto, houve, e ainda há, uma luta pelo controle do sistema universitário. Porque é dentro das Universidades que se fabricam as ideologias.

Por fim, podemos dar mais um exemplo. O Poder Judiciário moderno surgiu nos Estados Unidos. Mas, após a Segunda Guerra, a elite econômica descobriu que o ativismo judicial é uma ferramenta para aumentar a concentração de poder. O juiz de uma Suprema Corte passa por cima da legislação de um Estado. Um juiz sozinho declara o que é lícito ou ilícito. Com uma canetada, ele substitui uma lei debatida entre muitas pessoas eleitas pelo povo. O que pode demorar 40 anos para ser implementado na base da discussão democrática, com o ativismo judicial, pode ser implementado numa tarde.

Então, surgiram Fundações na Europa para desenvolver o ativismo judicial dentro do sistema universitário.

E assim a ideologia do ativismo judicial se espalhou no ambiente acadêmico do Direito.

É mais um exemplo do poder dessa estrutura e de como a Universidade legitima estruturas sociais novas, embora sejam falsas, e de como altera as estruturas existentes por meio da ideologia, e de como ela pode se multiplicar com uma facilidade tremenda. A expansão do sistema universitário continua em marcha e numa marcha cada vez mais acelerada.

A estrutura do sistema universitário é bem antiga, como mostramos, e tem uma extensão muito maior do que a gente imagina.

ATIVIDADES

1. A quem a doutrina de Lutero interessava?
2. O luteranismo é a primeira ideologia, a primeira grande ideologia, fabricada em consequência da estrutura universitária. Explique.
3. Onde estava a força do luteranismo?
4. Desde o aparecimento do protestantismo, ficou muito claro que a Universidade podia ser usada para difundir ideologias que interessavam ao sistema. Explique.
5. Quais os três problemas do sistema universitário?
6. A elite econômica descobriu que o ativismo judicial era uma ferramenta para aumentar a concentração de poder. Comente.



AULA 28

A CONTEMPLAÇÃO E O ESPÍRITO SANTO



á, pois, um outro modo de contemplação, que está além daquele descrito pelos filósofos gregos, que se produz quando à fé se une a caridade. Este modo de contemplação não se dá sem a fé, mas é mais produto da caridade.

Entretanto, examinadas mais atentamente, a Revelação e a Tradição cristã afirmam que do encontro da caridade com a fé se produz apenas um princípio deste outro modo de contemplação. À medida em que ela progride, surge um fato novo.

De fato, dizem as Escrituras, *“o caminho dos justos é como a luz da aurora, que vai clareando até o pleno dia”*. Pr 4, 18.

Ora, quem somente conhecesse a noite e apenas tivesse visto a luz da Lua e das estrelas, ao ver surgir palidamente os primeiros brilhos da aurora, não poderia pensar que o Sol do pleno dia fosse tão brilhante. Assim também, seguindo um curso comparável à luz da aurora, para o justo que persevera em seu caminho chega o momento em que a caridade começa a operar nele de um modo mais



manifestamente excelente e intenso do que este supunha ser possível, mesmo levando em conta as possibilidades de crescimento próprio das virtudes e o auxílio da graça.

É assim que o justo passa aos poucos a se ver cada vez mais manifestamente conduzido, no operar da caridade, por um princípio de natureza superior. A diferença pode ser comparada ao calor produzido por um cobertor e o calor produzido por um incêndio, e com razão as Sagradas Escrituras comparam este modo de operação da caridade ao fogo. Este modo superior de operação da caridade é um dos temas fundamentais do Evangelho.

É a ele que Jesus se referia quando afirmou, no Evangelho de São Lucas:

“Vim espalhar um fogo sobre a terra, e que mais desejo eu, senão que se ascenda?” Lc 12, 49

É a isto também que São João Batista se referia, quando, como que resumindo em uma só frase os propósitos do Cristo que estava para vir, assim o anunciava:

"Quanto a mim", dizia São João Batista, "eu vos batizo com água, para vos mover ao arrependimento; mas depois de mim vem alguém, que é maior do que eu, que vos (purificará) com o Espírito Santo e com fogo". Mt 3, 11

Para expressar não apenas a intensidade, mas também a superabundância da caridade que assim opera, Jesus em outra ocasião se utilizou de uma comparação com a água: *"Quem crer em mim", disse Jesus, "de seu seio correrão rios de água viva. Dizia isto Jesus do Espírito Santo, que haveriam de receber os que nele cressem". Jo 7, 7*

Nesta passagem a Sagrada Escritura diz que o Espírito Santo é recebido, porque se trata de uma caridade superabundante, manifestamente acima da capacidade humana, mesmo contando com o auxílio da graça; algo assim não se pode dizer que proceda do próprio homem; ao contrário, advindo-lhe de fora, deve, portanto, ser dito recebido.

Diz ainda a Sagrada Escritura que quem é recebido é o Espírito Santo, uma das três pessoas da Santíssima Trindade, não porque seja o Espírito Santo, com exclusão das demais pessoas da Santíssima Trindade, que move a alma humana a uma vivência superior da caridade, mas porque se trata de um movimento produzido por Deus em nossa alma que desempenha um papel análogo ao do Espírito Santo na Trindade divina:

"Deve-se saber", diz Tomás de Aquino, "que as coisas que existem em nós se reduzem em Deus como em sua causa eficiente e exemplar; em sua causa eficiente, na medida em que pela virtude operativa divina algo é causado em nós; em sua causa exemplar, na medida em que aquilo que em nós provém de Deus é de algum modo algo que imita a Deus.

Ora, como a virtude do Pai, do Filho e do Espírito Santo é a mesma, assim como a mesma essência, é necessário que tudo o que Deus produz em nós seja, como de uma causa eficiente, simultaneamente proveniente do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O amor, porém, pelo qual nós amamos a Deus, é representativo próprio do Espírito Santo. Assim, a caridade que há em nós, ainda que seja efeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, todavia, por uma razão especial, é dita estar em nós pelo Espírito Santo".

Conforme já vimos acima, a caridade, qualquer que seja seu grau de crescimento, só pode existir no homem infundida pela graça divina; por causa disso, é correto dizer que qualquer homem que ama a Deus pela caridade recebeu em sua alma ao Espírito Santo, conforme o faz Santo Tomás de Aquino:

"A caridade não pode existir naturalmente em nós, nem ser adquirida pelas forças naturais, mas apenas pela infusão do Espírito Santo".

No entanto, no melhor de suas passagens, a Sagrada Escritura e os primeiros santos padres reservavam a expressão do dom do Espírito Santo para designar aquela superabundância da caridade, manifestamente sobre-humana, que é infundida no homem além de todas as suas expectativas, quando ele se entrega "com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com todas as suas forças" àquela contemplação que procede da fé e da caridade.

É assim, por exemplo, que Santo Antão, o iniciador da vida monástica no deserto do Egito nos séculos III e IV, se refere ao Espírito Santo em suas cartas:

"Meus filhos, tomai este corpo de que estais revestidos, fazei dele um altar, e sobre este altar colocai os vossos pensamentos, e sob o olhar do Senhor abandonai todo mau desígnio, elevai as mãos de vosso coração a Deus e pedi-lhe que vos conceda aquele grande fogo invisível que sobre vós descera do Céu e consumirá o altar e suas oferendas.

Compreendei bem o que vos digo e vos declaro: se cada um de vós não chega a odiar o que é da ordem dos bens terrestres e a isso renunciar de todo coração, bem como a todas as coisas que daí dependem, se não chega a elevar as mãos e o coração ao Céu para o Pai de todos nós, não é para si a salvação. Mas se fazeis o que acabo de dizer, Deus vos enviará um fogo invisível, que consumirá vossas impurezas, e devolverá vosso espírito à sua pureza original.

O Espírito Santo habitará em vós, Jesus permanecerá junto de nós, e poderemos adorar a Deus como é devido".

Do Espírito Santo disse também São Diádoco, bispo de Fócia, no século V:

"Uma é a caridade natural da alma, outra aquela que pelo Espírito Santo lhe é infundida. Aquela que está em nós, quando queremos, se move com moderação pelo afeto de nossa vontade; por esta razão não é difícil para os espíritos malignos, a não ser que nos defendamos com fortaleza, que nos seduzam para os seus propósitos.

A divina, porém, incendeia de tal forma a alma à caridade divina, que vence e une entre si, por uma infinita simplicidade e sinceridade do afeto, todas as partes e a faculdades da alma na bondade do desejo celeste.

A alma se torna uma fonte profunda de caridade e de alegria, como que grávida da graça celeste e da virtude do Espírito Santo".

São Diádoco distingue neste texto uma caridade que ele chama de natural de outra que é infundida pelo Espírito Santo. Esta distinção não significa que apenas a segunda seja sobrenatural, nem que a primeira não seja também infundida pelo Espírito Santo; na verdade, ambas são sobrenaturais e infundidas pelo Espírito Santo; entretanto, a segunda excede de tal maneira a primeira, tão manifestamente sobrenatural e infundida pelo Espírito Santo que ela é, que perto dela a primeira dá uma impressão de ser algo conatural ao homem, embora de fato não o seja.

Do mesmo modo, embora todos os que nasceram para a vida da graça pela caridade sejam filhos de Deus, pois pela graça já participam da natureza divina, as Sagradas Escrituras chamam de filhos de Deus de modo especial àqueles que receberam o Espírito Santo neste grau tão eminente; de fato, diz São Paulo na *Epístola aos Romanos* que

"Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus.

O próprio Espírito Santo atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus". Rm 8, 14-16

E o Evangelho de São João diz que foi para isso que Jesus veio ao mundo:

"A quantos o receberam deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creem em seu nome, e que não pelo sangue nem pela vontade humana, mas de Deus nasceram. De sua plenitude, todos nós recebemos, graça sobre graça". Jo 1, 12

Esta afirmação equivale à que faz Santo Tomás de Aquino quando, respondendo à pergunta a respeito de em que consiste o Evangelho, ou a Nova Lei, responde que o Evangelho consiste, de um modo especial, na graça do Espírito Santo:

"Cada coisa parece ser aquilo que nela há de principal, conforme diz Aristóteles no IX livro da Ética. Aquilo, porém, que é principalíssimo na Lei do Novo Testamento, e no qual consiste toda a sua virtude, é a graça do Espírito Santo, que nos é dada pela fé em Cristo.

Portanto, a Nova Lei é principalmente a própria graça do Espírito Santo, que é dada por Cristo aos fiéis.

Secundariamente, a Nova Lei consiste também nos preceitos escritos, que dispõem o homem para a graça do Espírito Santo, como são as coisas que são necessárias saber para manifestar a divindade e a humanidade de Cristo, e as coisas que pertencem ao desprezo do mundo, através das quais o homem se torna capaz da graça do Espírito Santo.

De fato, o mundo, diz a Sagrada Escritura, isto é, aqueles que amam o mundo, não podem receber o Espírito Santo (Jo 14, 17)".

Dissemos anteriormente que a Sagrada Escritura descreve um outro modo de contemplação que está além daquele descrito pelos filósofos gregos, que é proveniente principalmente da caridade. Dissemos, ademais, que do encontro da caridade com a fé se produzia apenas um início deste outro modo de contemplação. Devemos agora dizer que é este modo supereminente de vivência da caridade que é a causa próxima desta outra contemplação, descrita pela ciência sagrada e que difere tão notavelmente daquela descrita pelos filósofos gregos.

De fato, no Evangelho de São João, Jesus prometeu aos que seguissem os seus preceitos o conhecimento da verdade:

"Se permanecerdes nas minhas palavras", diz Jesus, "sereis verdadeiramente meus discípulos; conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres". Jo 8, 31

Ora, a verdade é algo que pertence à inteligência, é algo que é objeto de contemplação.

Mais adiante, porém, ele diz que se os apóstolos o amassem, deveriam guardar os seus mandamentos, e com isto ele lhes mandaria o Espírito Santo, a quem aqui ele chama, porém, de Espírito da verdade:

"Se me amardes, guardareis os meus mandamentos; eu pedirei ao Pai e Ele vos dará outro consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber". Jo 14, 15-17

Portanto, o prêmio da prática dos mandamentos é a própria graça do Espírito Santo, que aqui recebe o nome de Espírito da verdade.

Mais adiante, Jesus volta a falar sobre o assunto e diz que chama ao Espírito Santo de Espírito da verdade porque ele ensinará a verdade aos apóstolos:

"Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas por agora não estais em condições de as compreender. Quando, porém, ele vier, o Espírito da verdade, vos ensinará toda a verdade". Jo 16, 12-13

O sentido de todas estas passagens é o seguinte: há uma verdade, capaz de produzir a libertação do homem, objeto de uma contemplação superior à descrita pelos filósofos, à qual somos introduzidos por um modo supereminente de vivência da caridade produzido em nós pela graça do Espírito Santo. Aqueles que se esforçam em seguir os mandamentos de Jesus recebem esta graça do Espírito Santo, vivem pelo Espírito e são por Ele introduzidos nesta verdade.

Desta verdade Jesus disse diante de Pilatos:

"Para isto é que eu nasci, e para isto é que vim ao mundo: para dar testemunho da verdade". Jo 18, 37

Mas Pilatos não entendeu nada; não percebeu o alcance das palavras de Jesus; perguntou-lhe simplesmente: *"O que é a verdade?"*, Jo 18, 38 mas não esperou para ouvir a resposta. Feita a pergunta, dizem as Sagradas Escrituras, Pilatos *"saiu novamente lá fora para falar aos judeus"* (Jo 18, 38).

Na Primeira Epístola a Timóteo, São Paulo também fala da verdade, afirmando que "Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade". 1 Tm 2, 4

O sentido primário da palavra verdade nesta passagem, entretanto, não é inteiramente o mesmo que em Jo 8. Por comparação com outros lugares paralelos das epístolas paulinas, São Paulo parece querer se referir, quando aqui fala da verdade, ao conjunto dos ensinamentos da fé tais como eram aceitos pelos homens que, movidos pela graça, abraçavam o Cristianismo. A verdade admite estas nuances de significado, sendo este um caso de analogia idêntico ao da analogia do ser já descrita anteriormente. Não são significados inteiramente distintos, mas graus de uma mesma significação que uma idêntica palavra denota, que existem inclusive dentro do próprio Evangelho de São João. De fato, em Jo 17 Jesus diz, orando ao Pai,

"Manifestei teu nome aos que me deste, e eles guardaram a tua palavra. Deí-lhes a tua palavra; santifica-os, (agora), na verdade. A tua palavra é a verdade". Jo 17, 6; 14; 17

Nesta passagem a verdade é a pregação da fé que Jesus havia feito aos apóstolos. Dizendo ao Pai que havia dado aos apóstolos a *"tua palavra"*, Jesus diz que a pregação da fé é a palavra do Pai. Mas ele também diz ao Pai:

"Todas as minhas coisas são tuas, e todas as tuas coisas são minhas", Jo 17, 10. de modo que, segundo Jesus, a palavra do Pai é também a palavra do Filho.

Ora, em Jo 8 lemos:

"Dizendo Jesus estas coisas, muitos creram nele. Disse pois Jesus aos que creram nele: Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres". Jo 8, 30-31

Nesta outra passagem Jesus fala a pessoas que creram nele e que permanecem em sua palavra. Segundo Jo 17, portanto, estas pessoas já deveriam possuir a verdade, pois ali se diz que a sua palavra é a verdade. Mas aqui, em Jo 8, Jesus promete àqueles que permanecem na sua palavra que, se perseverarem, virão a conhecer a verdade no futuro, de onde que se deduz que Jesus toma, mesmo dentro do Evangelho de São João, a mesma expressão em duas significações diferentes. Não são, entretanto, significações inteiramente distintas, pois a verdade que Jesus promete em Jo 8 como coisa a ser conhecida não contém algo que já não estivesse contido na verdade de Jo 17. É, porém, da verdade de Jo 8 que Jesus afirma que tornará os homens livres, coisa apenas imperfeitamente insinuada no contexto de Jo 17.

Assim, quando fala da verdade, e que Deus quer que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade, São Paulo dá a entender ter em mente um modo de ser da verdade que é apenas em parte aquele de que fala Jo 8. Isto, porém, não significa que as expressões de São Paulo, que admitem como algo anterior e consumado a pregação do Evangelho, não suponham aquele significado mais profundo que pode ser percebido claramente quando Jesus, dialogando com uma samaritana, fez afirmações muito semelhantes às de São Paulo.



Jesus e a samaritana no poço de Jacó

Falamos de um diálogo havido entre Jesus e uma mulher samaritana descrito em Jo 4, em que ambos estavam conversando a respeito da água de um poço que havia nas proximidades. Num certo momento do diálogo, porém, Jesus faz o seguinte comentário que contém afirmações quase idênticas as de São Paulo, os termos, porém, sendo tomados segundo uma significação mais profunda:

"Todo aquele que bebe desta água de novo terá sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; antes, a água que eu lhe der se tornará nele uma nascente de água jorrante até a vida eterna.

Aproxima-se a hora, ó mulher, e já estamos nela, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e em verdade, porque é assim que o Pai quer os seus adoradores. Deus é espírito, e os que O adoram devem adorá-lo em Espírito e em verdade". Jo 4, 13-14; 23-24.

Não é outro o sentido deste diálogo e o de uma profecia de Jeremias em que, com séculos de antecedência, este profeta anunciou o estabelecimento da Nova Aliança que se faria por intermédio do Cristo:

"Eis que virão dias, — palavra do Senhor —, em que estreitarei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Esta será a aliança que estreitarei com Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei minha lei nos seus corações, e a imprimirei nas suas mentes; eles me terão por Deus, e eu os terei por meu povo. Não necessitarão mais estimular-se uns aos outros, dizendo: 'Conhecei o Senhor', porque todos me reconhecerão, pequenos e grandes, diz o Senhor". Jr 31, 31-34

Quando, muito tempo depois, Jesus veio ao mundo e se iniciou o cumprimento desta profecia, João então pôde testemunhar:

"Porque a Lei nos foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo". Jo 1, 17

ATIVIDADES

1. Complete as frases:

A _____ não pode existir naturalmente em nós, nem ser adquirida pelas _____, mas apenas pela infusão do _____.

A _____ é algo que pertence à _____, é algo que é objeto de _____.

2. O que você destacaria deste texto?



AULA 32

A CONTEMPLAÇÃO DA VERDADE (CONTINUAÇÃO)



ão João da Cruz descreve na Subida do Monte Carmelo este modo de conhecimento, acrescentando, no fim de sua exposição, tratar-se de algo concedido por Deus àqueles que muito o amam. Eis o que ele nos fala a este respeito:

"Há uma espécie de revelações, que são o descobrimento de verdades ao entendimento, que em regra não se podem chamar de revelações, mas de notícias intelectuais ou inteligências, pois consistem em Deus dar a entender à alma verdades nuas, tanto a respeito de coisas temporais como também de espirituais, mostrando-as clara e manifestamente à alma.

Para falar apropriadamente desta inteligência de verdades nuas que se dá no entendimento, seria preciso que Deus me pegasse na mão e movesse a pena; porque, sabe, amado leitor, que excede toda a palavra o que em si mesmas elas são para a alma.

Este gênero de verdades nuas não é como ver coisas corporais com o entendimento; mas consiste em entender e ver com o entendimento verdades de Deus. Este gênero de notícias se distingue de duas maneiras: umas acontecem à alma acerca do Criador, outras acerca das criaturas. E, embora uma e outras sejam muito saborosas para a alma, não se pode, porém, comparar o deleite causado pelas que são de Deus, nem mesmo há vocábulo ou termo com que se possa dizer; pois são notícias do mesmo Deus e deleite do mesmo Deus e, como diz Davi, 'Não há como Ele coisa alguma'. Salmo 39, 6

Pois estas notícias acontecem diretamente a respeito de Deus, sentindo-se altissimamente algum atributo de Deus, ou seja a sua onipotência, ou seja a sua fortaleza, ou a sua bondade e doçura, etc.; e todas as vezes que se sente, grava-se na alma aquilo que se sente. E porque é pura contemplação a alma vê claramente que não há poder para dizer algo daquilo, a não ser alguns termos genéricos, que a abundância do deleite e do bem que ali sentiram faz dizer às almas por quem aquilo passou; mas não de forma que se possa acabar de entender o que a alma saboreou e sentiu.

Tendo Davi passado por algo disto, disse-o em palavras comuns e gerais: 'Os juízos de Deus', isto é, as virtudes e os atributos que sentimos em Deus, 'são verdadeiros e justificados em si mesmos, mais desejáveis do que o ouro e muito mais do que a pedra preciosa, e mais doces do que o favo de mel'. Salmo 18, 10-11

E vemos que em uma altíssima notícia que Deus deu de si mesmo a Moisés uma vez que passou diante dele, este só disse o que se pode dizer com termos comuns; pois, passando o Senhor por ele naquela notícia, Moisés prostrou-se muito à pressa na terra, dizendo: 'Imperador, Senhor, Deus misericordioso e clemente, paciente e de muita misericórdia e verdadeiro, que guardas a misericórdia que prometes a milhares'. Ex 34, 6-7

De onde se vê que não podendo Moisés, de Deus declarar o que de Deus conheceu em uma só notícia, disse-o prolixamente com todas aquelas palavras. E, embora nessas notícias a alma diga palavras, ela bem vê que nada disse daquilo que sentiu; pois vê que não há nome acomodado para nomear aquilo. Assim São Paulo, quando teve aquela alta notícia de Deus, não curou de dizer mais senão que não era lícito ao homem tratar destas coisas (2 Cor 12, 4).

Estas notícias divinas a respeito de Deus nunca são de coisas particulares; pois são respeitantes ao Sumo Princípio, e portanto não se podem dizer em particular, a não ser que alguma verdade, a respeito de coisa menos que Deus, ali se visse juntamente; mas aquelas respeitantes a Deus, por forma alguma. E estas altas notícias de Deus só as pode ter a alma que chega à união de Deus, porque elas são a mesma união. E embora não seja manifesta e claramente como na glória, é, no entanto, notícia tão subida e alta que penetra a substância da alma. E algumas destas notícias feitas por Deus na substância da alma de tal maneira a enriquecem que não só uma chega para a alma deixar de uma vez todas as imperfeições que ela não tinha podido tirar em toda a sua vida, mas ainda a deixa cheia de virtudes e de bens de Deus.

E são para a alma tão saborosas e de tão íntimo deleite que, com uma só, dar-se-ia por bem paga de todos os trabalhos, por inumeráveis que fossem, que em vida tivesse padecido; e fica tão animada e tão cheia de brio a padecer muitas coisas por Deus, que lhe é particular paixão ver que não padece muito.

A alma não pode chegar a estas altas notícias por meio de qualquer comparação ou por imaginação sua, pois estão acima de tudo isto; e assim, sem habilidade da alma as opera Deus nela. E por vezes, quando ela menos pensa e menos pretende, é que Deus costuma dar à alma estas notícias. E porque estas notícias se dão de repente e sem alvedrio da alma, ela nada tem a fazer nelas para as querer ou não querer, senão ficar-se humilde e resignada a seu respeito, que Deus fará a sua obra quando e como quiser.

Não digo que nestas notícias se baja negativamente, como temos ensinado em relação às demais apreensões da alma, pois, conforme dissemos, estas fazem parte da união à qual vamos encaminhando a alma, pelo que ensinamos a desnudar-se e a despojar-se de todas as outras.

Estas mercês são feitas por um amor muito particular de Deus para com aquela alma, por essa alma lhe ter também um amor muito desapropriado.

Isto é o que o Filho de Deus quis dizer por São João quando disse: 'Aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a mim mesmo a ele'. Jo 14, 20".

Conforme acabamos de ler, no final desta longa passagem, São João da Cruz, para esclarecer melhor o que havia explicado antes, cita as palavras de Jesus segundo as quais Ele se manifestaria àqueles que o amassem (Jo 14, 20). Trata-se do mesmo a que Ele se referia quando prometeu àqueles que seguissem seus mandamentos que receberiam o Espírito Santo e que, através dele, conheceriam a verdade (Jo 14, 23). Sua manifestação e a manifestação da verdade se referem à mesma realidade; e, de fato, foi o próprio Jesus que afirmou no Evangelho de São João: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim"*. Jo 14, 6

Esta manifestação de Jesus ou da verdade não é, entretanto, como poderia parecer num primeiro exame, uma manifestação do Verbo de Deus ou da verdade que é o Verbo de Deus tal como Ele é na Trindade eterna. Trata-se de algo que está aquém disto; é um conhecimento infundido por Deus na alma que se segue a uma superabundante participação da vida divina que tem seu fundamento na caridade: *"Não vos chamo mais de servos"*, diz Jesus, *"porque o servo não sabe o que seu amo faz; mas eu vos chamo de amigos, porque tudo o que ouvi do Pai, eu vos dei a conhecer"*. Jo 15, 15

Este conhecimento, tudo o que o Cristo ouviu do Pai, no dizer de São João, não é o próprio Verbo de Deus, mas algo produzido na alma pela essência divina comum às três pessoas da Santíssima Trindade. Assim como a caridade é associada à pessoa do Espírito Santo, por ser representativa na alma do Espírito Santo que na Santíssima Trindade procede do Pai e do Filho por modo de amor, assim também este conhecimento é associado à pessoa do Verbo ou da verdade por ser representativo na alma da pessoa do Filho que na Santíssima Trindade é gerado do Pai por modo de sabedoria.

Isto não significa, porém, que o Cristo seja caminho para Deus apenas por modo de contemplação infusa pelo Espírito Santo, e que não o seja também pela sua humanidade e pelos méritos de sua paixão e morte com que nos obteve a redenção. Na mesma passagem em que Jesus acabava de explicar ser Ele o caminho, a verdade e a vida, Felipe o interrompe e lhe pergunta: *"Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta"*. Jesus então lhe responde de um modo que Felipe não esperava: *"Há tanto tempo estou convosco, e tu não me conhecestes, Felipe? Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim? Crede-me, eu estou no Pai e o Pai está em mim. Crede-o, ao menos, por causa destas obras"*. Jo 14, 8

Jesus, pois, não se refere aqui às mais sublimes manifestações do dom de sabedoria de que Ele fala logo em seguida quando diz que se manifestaria àqueles que o amam e que, neste dia, embora *"o mundo não mais me verá, vós me vereis, porque eu vivo e vós vivereis; neste dia compreenderéis que eu estou no Pai e vós em mim e eu em vós"*. Jo 14, 19-20

Nesta última passagem Ele volta a falar da plena manifestação do dom de sabedoria; mas quando Ele disse a Felipe *"há tanto tempo estou convosco e tu ainda não me conheces, Felipe? Quem me viu, viu o Pai. Como podes dizer: Mostra-nos o Pai?"*.

Ele está falando a Felipe da simples fé no mistério da Encarnação do Verbo, em que se incluem, por extensão, todas as graças que procedem da Redenção e as virtudes dos Sacramentos.

Por esta resposta de Jesus a Felipe ter um sentido tão claro e estar dentro do contexto da interpretação que Jesus faz de sua afirmação de ser caminho, verdade e vida, deve entender-se com isto que ambos os sentidos estão incluídos no significado daquela primeira afirmação.

Pelos méritos da Paixão de Cristo vai-se a Deus como que por modo de uma causalidade eficiente; diz isto expressamente Tomás de Aquino, quando afirma que pela Paixão de Cristo foi operada nossa salvação por modo de eficiência; pelo conhecimento do Cristo que procede da caridade em nós infundida pelo Espírito Santo vai-se a Deus por um certo modo de causalidade formal, infundindo-se no homem a filiação divina por uma semelhança com a pessoa do Verbo, Sabedoria de Deus.

Tudo isto que aqui descrevemos não se é uma ambição impossível para os homens; com o auxílio da graça, todos os homens podem chegar a tanto, as Sagradas Escrituras testemunhando que na comunidade à qual o apóstolo São João escreveu sua primeira carta isto era algo comum.

De fato, na *Primeira Carta de São João*, ele escreve o seguinte a seus destinatários: *"Vós, porém, recebestes a unção do (Espírito) Santo, e todos possuíis a ciência. Eu não vos escrevo porque ignorais a verdade, mas porque a conheceis.*

A unção que recebestes d'Ele, permanece em vós, e não tendes necessidade alguma de que alguém vos ensine; mas como sua unção vos ensina sobre tudo, assim como ela vos ensinou, permaneçei n'Ele. Permanecei n'Ele, para que, quando Ele se manifestar, sejamos semelhantes a Ele e o vejamos tal como Ele é". 1 Jo 2, 20-21, 27-28; 3, 2

São palavras muito claras, que quase dispensam comentário, com exceção, talvez, daquela em que São João afirma que havia muitos naquela comunidade que não necessitavam mais que alguém os ensinasse, pois a unção do Espírito Santo já tudo lhes ensinava. O que João queria dizer com isso? São estas palavras que devem ser usadas por um Apóstolo que recebeu de Deus o dever de ensinar aos homens o desejo de aprender e a humildade da primeira bem-aventurança para que possam buscar a Deus? Em vez de pessoas assim, tais palavras não estariam fazendo de seus leitores pessoas convencidas? Não, ao contrário; deve-se subentender aqui, que os leitores de São João eram pessoas que conheciam as Sagradas Escrituras; São João estava, então, lhes fazendo ver, com um finíssimo jogo de palavras, como estavam se cumprindo no Cristo as profecias do Antigo Testamento, em particular aquela em que Jeremias, muitos séculos antes, havia anunciado o estabelecimento de uma Nova Aliança:

"Naqueles dias, diz o Senhor, esta será a Aliança que farei com a casa de Israel: Colocarei a minha Lei nos seus corações, e a imprimirei nas suas mentes; serei para eles o seu Deus, e eles serão para mim o seu povo.

Ninguém mais ensinará o seu próximo, e o seu irmão, dizendo-lhe: 'Conhece o Senhor'. Porque todos me conhecerão diz o Senhor, desde o menor de todos até ao maior entre eles.

E eu lhes perdooarei as suas iniquidades, e não me lembrarei mais dos seus pecados". Jr 31, 33-34

Deste modo, na comunidade à qual dirigiu a sua primeira carta, São João nos afirma ter encontrado pessoas que haviam recebido a unção do Espírito Santo e possuíam uma ciência tal que realizavam a profecia de Jeremias.

Nas suas segunda e terceira cartas, São João faz afirmações que são deixadas em uma formulação mais genérica, pois estas duas últimas cartas são escritos curtíssimos, de poucas linhas, e em sua brevidade não oferecem a possibilidade de uma interpretação mais precisa pelo contexto. É difícil, por isso, determinar o sentido exato que João quis dar às suas expressões da segunda e terceira epístolas. Mas não se pode deixar de considerar que as mesmas palavras de que São João aqui se utiliza possuem, na primeira epístola, e mais ainda, no seu *Evangelho*, uma obra quase uma centena de vezes mais extensa do que estes dois brevíssimos bilhetes, significados que não deixam margem a dúvidas.

Da comunidade à qual dirigiu a sua segunda carta, São João diz o seguinte: *"Muito me alegrei por ter encontrado alguns dos teus filhos que vivem na verdade, segundo o mandamento que recebemos do Pai". 2 Jo 1, 4*

E para a comunidade à qual destinou a terceira carta, João escreveu as seguintes linhas:

"Muito me alegrei com a chegada dos irmãos e com o testemunho que deram de como viver na verdade. Não há alegria maior para mim do que saber que os meus filhos vivem na verdade". 3 Jo 1, 3-4

ATIVIDADE

1. Transcreva para o seu caderno aquilo que lhe pareceu mais importante. Pode ser uma frase, um parágrafo ou mais. Depois deixe o seu comentário da razão daquele escrito ter sido especial para você.



AULA 35

CONTEMPLAÇÃO E ENSINO – II

Tudo isto quanto dissemos lança uma luz nova sobre o que seja, na perspectiva cristã, o ensino das coisas divinas. Jesus confiou aos homens a missão de ensinar; mas esta missão de ensinar é, através da Igreja unida ao Cristo, uma participação da missão de ensinar que o próprio Cristo tomou sobre si.

Isto fica particularmente visível em uma outra parábola que Jesus certa vez contou a respeito do amor ao próximo.

São Lucas conta que um estudioso da Lei de Moisés, tendo ouvido Jesus falar da necessidade de amar ao próximo como a si mesmo, perguntou-lhe quem era este próximo.

Jesus então respondeu: *"Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado de suas vestes e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por este caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando este lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois dinheiros e deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'. Qual dos três", pergunta então Jesus, "em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos do assaltante?"* Lc 10, 30-36.



Esta parábola, à primeira vista, parece ser tão clara e de sentido tão evidente, que sequer parece ser uma parábola, mas apenas um exemplo a ser imitado. Jesus parece querer dizer que, quando vemos o próximo em dificuldade, podemos fingir que nada vemos e passar adiante, ou então podemos parar o que estamos fazendo e, por amor do próximo, socorrê-lo. A parábola, pois, parece querer ensinar que todos nós devemos agir como o bom samaritano; ademais, foi assim que, mais adiante, o *Evangelho de Lucas* narra que o estudioso da *Lei de Moisés* diz ter entendido o significado desta parábola (Lc 10, 39), e é assim que todos parecem entendê-la quando a leem.

No entanto, diz Hugo de S. Vitor, é evidente que há um outro sentido mais profundo nesta parábola proposta por Jesus, um sentido que não foi apreendido pelo estudioso da *Lei de Moisés*.

A começar pelas cidades entre as quais se diz ter sido o itinerário do viajante assaltado: "*Um homem desceu de Jerusalém a Jericó*". Jerusalém é a cidade mais alta da Palestina, situada no alto do Monte Sião, e seu nome significa "A Cidade da Paz". Era, ademais, cidade sagrada para os judeus, em que se situava o Templo de Salomão. Jericó, por outro lado, é a cidade mais baixa do Oriente Médio; na verdade, sabe-se hoje que é a cidade mais baixa de todo o planeta, situada como está ao lado do Mar Morto em uma depressão a trezentos metros abaixo do nível do mar em uma região de clima sufocante.

Jerusalém, pois, diz Hugo de S. Vitor, significa a "contemplação das coisas do alto"; a viagem significa o pecado, e Jericó "a miséria mundana" ou mesmo o inferno:

"Este homem, portanto", diz Hugo de S. Vitor, "que descia de Jerusalém a Jericó e foi assaltado pelos ladrões designa o próprio gênero humano".

O homem que abandona as coisas do alto e segue pelo caminho que conduz a Jericó é assaltado no caminho pelos ladrões; é despojado de suas vestes, espancado e abandonado semimorto. Estes ladrões, diz Hugo, "são os demônios", que despojaram o homem das "vestes da imortalidade e da inocência" e o feriram gravemente pelo pecado.

De fato, continua Hugo, Deus havia feito o homem "*à sua imagem e semelhança, conforme diz o primeiro capítulo do Gênesis. Fê-lo à sua imagem segundo a inteligência, à sua semelhança segundo o amor, para que, dirigindo-se a Deus por ambas estas coisas, alcançasse a felicidade. Mas o demônio, invejando a felicidade do homem, contra estes dois bens primordiais conduziu o homem a dois males principais. Feriu o homem que tinha sido feito à imagem de Deus segundo a inteligência com a ignorância do bem; tendo ele também sido feito à semelhança de Deus, feriu-o com a concupiscência do mal. Desta maneira, depois de despojá-lo e feri-lo, abandonou-o semimorto na estrada*".

O sacerdote e o levita que passaram e viram o homem ferido e despojado de suas vestes, continua Hugo, "*são os Pais do Antigo Testamento, (isto é, os profetas e os homens justos que viveram antes de Cristo), que passaram pelo estado da vida presente vivendo santamente, mas que não conseguiram curar o gênero humano ferido pelo pecado*".

Já o samaritano, homem natural de um povo que vivia ao norte da Palestina e que era odiado pelos judeus, que vendo ao pobre homem, moveu-se de compaixão, aproximou-se dele e cuidou de suas feridas derramando sobre elas óleo e vinho, representa o próprio Cristo,

rejeitado e crucificado pelos judeus, que veio socorrer o homem caído pelo pecado *"tanto pelos seus ensinamentos como expiando sua culpa na cruz"*.

A hospedaria à qual o samaritano conduziu o pobre homem, continua Hugo, é a Igreja, à qual Cristo confiou a salvação dos homens, e o estalajadeiro são todos aqueles que nela governam e ensinam. Somente no dia seguinte, porém, é que o samaritano confiou o homem aos cuidados do estalajadeiro, isto é, *"depois de realizado primeiro o mistério da Redenção"*.

Ao confiar à Igreja os cuidados para com os homens feridos pelo pecado, Cristo entregou-lhe *"dois dinheiros"*, isto é, *"a ciência e a graça de ensinar o Antigo e o Novo Testamento"*.

"E tudo o que gastares a mais", acrescenta o Cristo, *"em meu regresso eu te pagarei"*. Isto significa, continua ainda Hugo, que aqueles que ensinam, ao tratarem do doente, *"não apenas pregam aquilo que está nos dois Testamentos, mas ensinam também muitas outras coisas que elaboram de acordo com o escrito nestes Testamentos para que sejam manifestadas aos outros"*.

O Cristo distribuiu-lhes a graça de ensinar, e assim, com os homens aos quais devem doutrina, não gastam apenas o dinheiro que lhes foi confiado pelo Cristo, isto é, narrando a simples letra dos dois Testamentos, mas ensinando incessantemente inúmeras outras coisas que, mediante o auxílio da graça, são elaboradas pela contemplação e diligentissimamente dispostas pelo coração. Desta maneira, no dia do Juízo, quando o Senhor voltar, dará o prêmio a cada um segundo os seus méritos".

Esta é, portanto, a interpretação de Hugo de São Vitor à parábola do bom samaritano; não pouca coisa de importância pode-se concluir dela.

A parábola do bom samaritano foi ensinada por Jesus para responder a uma pergunta sobre a prática do mandamento do amor ao próximo. Aquele que, historicamente, a ouviu pela primeira vez, entendeu que Jesus queria com ela dizer que amar ao próximo significa agir como o bom samaritano e compadecer-se dos feridos e dos doentes. Esta interpretação é correta, pois, ao ouvi-la da boca do estudioso da Lei, Jesus lhe respondeu dizendo que, assim como ele a tinha entendido, *"fosse e fizesse o mesmo"* (Lc 10, 37).

Mas, segundo Hugo de São Vitor, a maneira mais elevada de amar ao próximo não consiste em agir como o bom samaritano, mas sim como o estalajadeiro. E isto não se pode fazer sem pressupor a hospedaria, que é a Igreja, e o Cristo, que é o bom samaritano. Neste outro modo mais elevado de amar ao próximo é ao Cristo que cabe a parte principal, o homem apenas auxiliando-o em sua missão e completando o que ele iniciou. A missão de Cristo é, neste caso, *"a obra da restauração humana"*, feridos como estão os homens pela ignorância do bem e pelo desejo do mal.

Mais ainda, porém, insinua Hugo de São Vitor na sua interpretação da parábola do bom samaritano. Segundo ele, o homem pode cooperar com esta missão do Cristo maximamente pelo ensino. Não se trata, ademais, de qualquer forma de ensino, mas daquele ensino que procede da contemplação, pois diz Hugo que a tarefa de ensinar foi confiada à Igreja através da graça, a qual normalmente se adquire através da oração e da contemplação que procede da caridade. Aqueles que assim ensinam foram muito bem descritos por S. Gregório Magno, alguém cujos escritos Hugo de S. Vitor admirava de modo especial:

"Aquele (a quem incumbe ensinar) deve ser próximo de cada homem pela compaixão e avantajá-lo a todos na contemplação; isto é, que com suas entranhas de piedade faça suas as enfermidades dos outros e que, elevando-se às alturas da contemplação, se sobreponha também a si mesmo, desejando as coisas invisíveis; de modo que nem por aspirar ao que é celeste faça pouco caso das fraquezas do próximo, nem por atender às debilidades do próximo deixe de aspirar ao que é celeste".

ATIVIDADE

1. Leia e reflita o texto, anotando o que assimilou para que fique gravado na memória.